

Relatório final
Ourivesaria nativitana
O fio do ouro o fio da vida
Registro do Patrimônio
Imaterial

Dezembro de 2007

Sumário

Introdução

O processo de trabalho: metodologia

Parte 1

O caminho do ouro na construção do território

Parte 2

A ourivesaria e seu contexto – “entre o passado e o futuro”

Parte 3

Uma jóia de pombinha. O divino e a ourivesaria

Parte 4

A História recente da ourivesaria nativitana

4.1 Alguns antecedentes

4.2 A ourivesaria em processo

4.3. Ourivesaria e suas principais peças

4.4. Ourivesaria passado e presente

4.5. O processo de trabalho

4.6 Ourivesaria ferramentas e utensílios

Referencial Bibliográfico

Anexo Ourives Nativitanos

Introdução

Hoje (...) quando os mecanismos de poder mudam sua forma de demarcar o espaço, quando o processo de globalização dilui as fronteiras que até então definiam as identidades do eu, dos grupos e das nações, a própria concepção de memória precisa ser repensada.



Raphael Mendes

Adélia: Num tem uma casona aí?

Sandra: Tem.

Adélia: Bem aí... morava era muito preto aí....

Valdirene: Então os escravos libertos moravam próximo da igreja?

Adélia: Moravam perto daqui ... perto da igreja.

Sandra: Dessa igreja de São Benedito ou a ruína?

Adélia.: Do Rosário aqui, do Rosário.

Sônia: A lembrança que a senhora tem das ruínas é do jeito que ela é hoje ou tinha mais alguma coisa?

Adélia: Dessa igreja aí?

Sônia: É, da ruína.

Adélia: Não toda vida foi isso mesmo, a lembrança que eu tenho toda a vida é isso ai .

Sandra: Olha só que coisa interessante. E deixa eu perguntar uma coisa assim mais com relação a isso. As ruas elas eram das mesmas formas como elas são hoje?

Adélia: É, são hoje.



Raphael Mendes

Os bens que constituem os patrimônios culturais se propõem como marcas no tempo e no espaço. (Fonseca, 1997, p. 49)

A memória possui, nas sociedades contemporâneas, uma nova identidade; é ela quem forja a coesão entre os sujeitos individuais e coletivos. Como um dado sempre construído, ela informa não a imobilidade, ao contrário: as escolhas feitas pelos indivíduos no tempo.

No inventário feito em Natividade, cidade localizada na parte sul do Estado do Tocantins, revelou-se uma espécie de mapa desta coesão social, das escolhas feitas pelos habitantes desta localidade ao longo de sua trajetória no tempo. Se a memória é construída pela tensão entre identidade e diferença, este mapa é, de certa forma, a revelação destas marcas. Em Natividade, a cartografia dos bens culturais une tempo e espaço; história e geografia. A serra, que pode ser vista de todos os pontos da cidade, é um seu núcleo inicial e o caminho do ouro e da ourivesaria passou por este local. A memória.

A preocupação com os bens materiais data dos primeiros momentos da República no Brasil, a partir principalmente da década de 1920, com a valorização dos elementos nacionais, do que poderíamos identificar como símbolos formadores da brasilidade. A política de preservação foi marcada durante muito tempo pelo resgate de edificações e obras de arte, consolidando, assim, nos bens materiais as formas patrimoniais brasileiras. A constituição de 1988 inaugura, na política de preservação do Brasil, a importância de uma outra dimensão do patrimônio: os bens culturais imateriais. As formas de expressão ganham, assim, uma característica fundamental que leva em conta uma tessitura cultural: o local, o regional e o nacional se fundem em determinadas expressões. As comunidades são chamadas a dizer quais os elementos importantes para sua construção identitária e os inventários são, assim, o mapeamento dos valores que a coletividade elege como dela.

O mapa que aqui se apresenta trata das relações de pertencimento estabelecidas pela comunidade nativitana, tendo como ponto fundamental o ofício da ourivesaria, principalmente a técnica da filigrana em ouro e prata. O valor que esta técnica possui para a cidade de Natividade está vinculada a um saber tradicional, que, embora se tratem de objetos, os seus produtos – as jóias – extrapolam a condição material, tratando-se de um bem coletivo. Contudo, a ourivesaria como patrimônio cultural apresenta uma dupla natureza: o valor econômico e o valor cultural; estes dois confluindo para o coletivo, como uma referência do coletivo.

Há, em Natividade, um movimento de resgate, que data da década de oitenta, de alguns símbolos importantes, como a festa do Divino e a ourivesaria em filigrana. As duas manifestações, pode-se dizer, complementam-se, construindo não a fossilização da comunidade, mas um novo território e um novo olhar a antigos saberes. Esta ação está vinculada diretamente à noção de patrimônio; que, de acordo com Cecília Londres, o tempo e o espaço estão contidos: “o primeiro como re-elaboração do passado, a segunda, enquanto fruição *in praesentia*.”¹

A ourivesaria em filigrana, objeto central do inventário realizado durante os meses de março e novembro de 2007, revela-se importantíssima para a comunidade nativitana, visto que congrega tradição e modernidade. Para Javier Lifschitz,

de um lado, a tradição é um meio organizador da memória coletiva sujeita à preponderância da cultura oral, ao ritualismo das práticas locais e à existência de agentes que operam como guardiães do conteúdo histórico, moral e emocional de símbolos do passado investidos de sacralidade. De outro, nas práticas modernas predominam o conhecimento especializado, a mercantilização dos saberes e de suas aplicações, os sistemas abstratos de ação e uso instrumental da técnica (Lifschitz, 2007, p. 69)²

Na coletividade nativitana, a prática da ourivesaria possui esse caráter bifronte que Lifschitz propõe para as neocomunidades: uma face olhando o passado e a outra, a dimensão presente/futuro. Nos caminhos formados desde o século XVIII, a cidade de Natividade vive às voltas com o ouro, mesmo tendo, no século XIX, se dedicando à pecuária, como fizeram outras tantas cidades no interior do Brasil.

Os anos oitenta marcaram para a comunidade nativitana o limite entre a perda e a preservação do bem da ourivesaria, pois, foi a partir daí que determinadas pessoas, como Simone Camelo e os mestres Wal e Bisa³ começaram a fazer o resgate das técnicas e práticas tradicionais. Os mestres aprenderam a ourivesaria com mestre

¹ FONSECA, Cecília Maria Londres da. **O patrimônio em processo**. Trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc, 1997, p.49

² LIFSCHITZ, Javier Alejandro. Neocomunidades: reconstruções de territórios e saberes. In: Estudos Históricos. Jul-Dez. 2006. Bens Culturais, p. 69

³ Joaquim Waldeides de Carvalho (mestre Wal) e Abisania Ferreira Gomes (mestre Bisa) aprenderam a ourivesaria com mestre Jesumar Batista Borges, que, por sua vez, foi aprendiz de Mestre Juvenal.

Juvenal e voltaram para Natividade, e lá empreenderam uma nova territorialidade na cidade, reelaborando pontos do passado, relendo a própria história. Neste movimento de reorganização que conta já com quase trinta anos, a cidade, pode-se dizer, é uma comunidade de espírito (Lifchitz, 2007) e as jóias são um símbolo disso: elas circulam pelos becos da cidade colonial, em colos, mãos, braços, na festa do Divino, que está simbioticamente ligada à ourivesaria. Segundo o aprendiz de ourives Uardom⁴, as jóias em forma de pombinha, simbolizando o Divino, são uma das mais importantes formas produzidas em Natividade, sendo, também, das mais vendidas pelas oficinas locais.

O passado recente da ourivesaria nativitana se entrelaça com a biografia de mestre Juvenal, e Uardom reconhece a importância do mestre e do seu trabalho, que, segundo o aprendiz era não só mais artesanal, mas mais artístico:

Foi uma pessoa... não...num sei muito não. A gente conhece assim por falar né? As pessoas que falaram que ele tinha muita dedicação no que ele fazia (...) pra época que ele trabalhava, pras máquinas que ele utilizava na época pra que a gente tem hoje, por isso eu considero um grande mestre, porque hoje tem muitas coisas que se a gente num usar a gente num trabalha...ele não, e na época ele trabalha com ausência de tudo, num tinha...

Eunice: Tantas novidades...

Uardom: É... na bancada nossa por exemplo tem uma luminária em cima, tem uma luz em cima, no dia que essa luz falta, a gente pára de trabalhar, e ele não. Ele num tinha, na época, num tinha energia, energia elétrica. Eles trabalhava basicamente na luz que entrava na janela lá da sala dele, então as dificuldades pra ele era muito. Maçarico...ele num usava maçarico pra fazer soldas; hoje a gente tem que ter um maçarico de grande pressão...então, pra forma que ele trabalhava pra que a gente trabalha hoje, então é pra ser um artista mesmo...

Na fala de Uardom temos a definição de patrimônio imaterial: “práticas, representações, expressões conhecimentos e técnicas” que simbolizam o que as comunidades, os indivíduos e os grupos reconhecem como patrimônio cultural.

⁴ Aprendiz já há alguns anos da Oficina Mestre Juvenal sob a orientação dos Mestres Wal e Bisa

O processo de trabalho: metodologia.

Indagações sobre quem tem legitimidade para selecionar o que deve ser preservado, a partir de que valores, em nome de que interesses e de que grupos, passaram a pôr em destaque a dimensão social e política de uma atividade que costuma ser vista como eminentemente técnica. Entendia-se que o patrimônio cultural brasileiro não devia se restringir aos grandes monumentos, aos testemunhos da história “oficial”, em que sobretudo as elites se reconhecem, mas devia incluir também manifestações culturais representativas para os outros grupos que compõem a sociedade brasileira – os índios, os negros, os imigrantes, as classes populares em geral.(IPHAN-INRC, 2000:11)

As formas de rememorar fatos e de armazenar informações sofreram mudanças com o surgimento da escrita. Diferente do homem primitivo, que se sociabilizava e armazenava informações por meio de repetições, mitos e representações, o homem letrado foi capaz de reconstruir, de forma retrospectiva, o tempo da história. A memória apresenta-se disponível, catalogada e comparável: “o saber deixa de ser apenas aquilo que me é útil no dia-a-dia, o que me nutre e me constitui enquanto ser humano membro desta comunidade. Torna-se um objeto suscetível de análise e exame”.⁵

A duração da memória coletiva depende e limita-se à duração do grupo. Desse modo, todas as lembranças nascidas no interior da classe se apóiam uma sobre a outra, e não em recordações exteriores. Por isso, a memória individual mantém-se intrínseca à coletividade. Pode-se dizer que as pessoas nunca estão sozinhas, pois há a realidade social ao redor delas. Deste modo, as lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos⁶.

É preciso, porém, que exista uma distinção entre memória individual e coletiva na construção da história. Apesar de ambos se inter-relacionarem, é necessário que se estabeleçam suas diferenças nesse processo construtivo. Para isso, Halbwachs estabelece a distinção entre duas memórias – a autobiográfica e a histórica. Segundo ele,

⁵ LÉVY, P. As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993,

⁶ HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

a primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral.

Para o autor, a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso, enquanto a histórica não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática. Mas a memória coletiva não se confunde com a histórica. Esta, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. Os acontecimentos passados são escolhidos, aproximados e classificados conforme as necessidades ou regras do grupo social.

Em pleno século XXI, em que a velocidade das transformações, as novas descobertas, o redimensionamento e ampliação dos campos de conhecimento, os novos saberes e o avanço tecnológico se fazem presentes e desafiam a sociedade, ainda encontramos práticas e ofícios repletos de identidade e valores locais, como é o caso da ourivesaria em Natividade.

Afirmar que os nativitanos têm orgulho de sua ourivesaria é empobrecer o papel que esta prática possui entre eles. Pode-se, sim, dizer que a mineração, talvez mais que a pecuária, seja o caminho de construção da identidade nativitana. Mais que um resgate dos desenhos tradicionais há, atualmente, um resgate de um traço da formação do lugar. Impressos em ouro e prata, os corações, as pulseiras escravas, os globos, a peixa, as figas, as flores de maracujá são emblemas de escolhas que os nativitanos realizaram para sua marca no tempo.

Em Natividade a maioria dos cidadãos possui uma jóia nativa. Todos participam das festividades do divino, seja a realizada a partir de um catolicismo ao mesmo tempo oficial e popular, seja na “saída do divino” realizada por Dona Romana.

Por fim, para se fazer um estudo para o registro da ourivesaria no município de Natividade/TO, tem sido necessário enfatizar a diversidade não só de sua produção material, mas também dos sentidos e valores, signos e símbolos atribuídos pelos diferentes atores, bens e práticas sociais. Desse modo é importante um olhar sobre as representações que configuram a identidade do município de Natividade para seus

habitantes, pois esta se expressa em sua paisagem, suas edificações e objetos, seus fazeres e saberes, suas crenças, suas celebrações, suas tradições, entre outros.

A história de Natividade começa com o ouro, com os caminhos do ouro, que entrelaçam pessoas, objetos, peças, imagens, símbolos. A partir do século XVII, cidades vão se formando, pousos de tropeiros surgem, tropas singram o inóspito território.

As pessoas que circulam nesse espaço que se forma trazem em suas bagagens mais que aventuras; trazem marcas feitas no tempo. Colonizadores e nativos marcam conflitos e fazem surgir uma cultura híbrida, característica do Novo Mundo. Europa e América são mundos que se organizam, promovendo aproximações e distanciamentos. Traços de identidade organizam semelhanças e individualidades, e o Brasil se forma sob o signo da diferença.

As terras brasílicas, em seus primeiros momentos, eram, como lembra Capistrano de Abreu, parte orgânica de Portugal. À medida que o território ganha forma, através do povoamento, sua característica transoceânica dá lugar àquelas que marcarão os traços da economia, ainda ligada à metrópole portuguesa. Havia um mundo, onde mares, praias, margens de rios eram o palco de trocas. A procura do ouro fez com que essas trocas se renovassem, e o conhecimento da ourivesaria venceu espaços e ligou terras que, encimadas pelo mando português, reformulando e reinventando parte da economia-mundo àquele momento.

Natividade, hoje cidade tocantinense, é um ponto da diversidade da cultura aurífera. Contudo, não é apenas mais um ponto. O que se funda em 1734 é um conjunto intrincado de heranças, tradições, saberes antigos e novos. O cotidiano que se estabelece desde os primeiros momentos da colonização é permeado por relações conflituosas entre as pessoas e delas com o ambiente.

Em Natividade, o conflito da vida em colônia estava presente no momento de sua fundação; a extração do ouro foi feita através da mão-de-obra escrava e ali os vestígios dessa presença estão por todos os lados: desde a ruína da igreja nunca concluída até as formas das jóias.

Natividade participa da cultura do ouro no Brasil, estabelecendo uma relação de aproximações e afastamentos com as outras cidades destes mesmos caminhos. A malha de caminhos formada pelo interior do Brasil dá a conhecer um fundo cultural comum, mas a cidade fez suas escolhas e construiu traços próprios, que a individualizam .

No coração do Brasil, Natividade fortalece sua relação de pertencimento à cultura do ouro. Os nativitanos estabeleceram, desde os anos oitenta, do século vinte jóias que resgatassem o saber da ourivesaria; formas, técnicas, ferramentas e mestres que realizaram um caminho que os levou ao início daquela comunidade.

Fincada aos pés da serra, Natividade tem resgatado a técnica da benfeitoria e artesanaria do ouro em filigrana, e é um dos poucos lugares do Brasil atualmente que tem nesta técnica sua expressão mais importante. Este processo alia saberes tradicionais a uma demanda que faz necessária a modernização das oficinas.

A técnica da ourivesaria, contudo, encontra-se em uma trama de outros pertencimentos que permeiam a vida da comunidade nativitana. Tais como as festas religiosas. Ela comunga a devoção ao Divino, celebrada de forma intensa e ao mesmo tempo diversa por todos os nativitanos. A imagem do Divino percorre colos, mãos, dedos passa pelas ruas e becos da cidade, permeando seus arredores, no sítio de D. Romana, que, apesar de não participar da organização católica da festa, congrega devotos em seu sítio, e dali sai outra folia que também reúne os nativitanos.

Ao lado da história oral e da história de vidas, o trabalho vai ao encontro dos estudos patrimoniais, que podemos, de certa forma remetê-lo aos estudos da história cultural, bem como as análises sobre a festa do Divino.

Em *A retórica da perda* (1996)⁷, José Reginaldo Santos Gonçalves apresenta as várias questões que envolvem a discussão sobre o patrimônio cultural. Há sempre, segundo o autor, uma questão que envolve discursos de perdas, inúmeras perdas concernentes mesmo à história, que, no âmbito da duração, acaba por promover a transformação incessante de objetos e valores. As discussões sobre o patrimônio envolvem, portanto, um desafio sobre a permanência e a transformação.

⁷ GONÇALVES, José Reginaldo. *A retórica da perda. Os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

Françoise Choay afirma que o termo patrimônio remete às estruturas familiares, às estruturas estáveis, que se enraízam no espaço e no tempo. O patrimônio histórico, segundo a historiadora, remete, por sua vez, ao usufruto de uma comunidade, “constituído pela acumulação contínua de uma e de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos”.⁸ A noção de patrimônio convive com a duração e o dado que está presente é a escolha que passa a significar a escolha feita pela coletividade no tempo. Cecília Londres em “A noção de referência cultural nos trabalhos de Inventário” apresenta uma perspectiva de transformação do termo patrimônio, mostrando sua heterogeneidade e os seus múltiplos significados, desde que a noção de cultura passou a fazer parte intrínseca das pesquisas e das considerações sobre o patrimônio, trazendo à baila as dimensões não tangíveis das práticas, da vida coletiva, da relações sociais e territoriais. Cecília Londres, lembrando as idéias de André Chastel, reflete sobre as transformações nas questões relativas aos trabalhos sobre patrimônio:

Desde a sua criação em 1964, o Inventário Geral se situou numa linha decidida claramente moderna, mas com a particularidade de se estabelecer graças à pesquisa *in situ*, no contato com os habitantes, os usuários, os interessados. Por essa via, em todos os lugares, a ligação com os trabalhos de tecnologia concreta ficaram fáceis, e sobretudo, mostrou-se na eficácia da tomada de consciência local como fator primordial de valorização, de apreciação, de preservação dos bens de cultura. Gostaríamos que o Inventário Geral assim desenvolvido aparecesse como a obra de uma vitalidade intelectual, aguçada pelo sentido das realidades presentes, o que significa, sem dúvida, em última análise, a referência metódica ao espaço-tempo, que é a dimensão de nossas existências como berço de todo o valor do patrimônio (Chastel apud Londres, 1998:29)⁹

⁸ CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. Trad. De Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001, p.11.

⁹ LONDRES, A noção de referência cultural nos trabalhos de inventário. In: Motta, Lia. & Silva, Maria Beatriz Resnde. **Inventários de identificação**: um programa da experiência brasileira. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998

Parte 1: O caminho do ouro na construção do território

Sandra: Tinha muito ouro né?

Coraci: Tinha, mas era na cidade tudo, quando nasceu o ouro nasceu o Brasil num é?



Raphael Mendes

Uardom: A peixinha assim pelo... pelo o fato de ser uma peça característica da região né, característica nossa, que por onde você vai e enxerga uma pessoa, uma pessoa usando uma peixa dessa, muitas pessoas identifica ou é nativitano ou então pessoas que passou por aqui e que tem algum conhecimento sobre Natividade. Então das importância dela é isso, por ter a caracterização do local né, ela caracteriza, dá característica própria pra aquele local, a região nossa.



Raphael Mendes

(...) deve-se considerar que Natividade era parte de uma das rotas (caminho real) sul-norte da Capitania, conectada à chapada da Serra Geral na Bahia, bastante próxima a Porto Real (atual Porto Nacional), e, sendo pólo de uma região aurífera, chegou a ser o segundo maior arraial da Capitania de Goiás na captação de ouro (Plano Diretor, p. 26)

Iniciam-se as primeiras incursões rumo a Goiás no século XVII, onde, quando da descoberta de ouro nestas terras, posteriormente, em 1725, já existiam trilhas. Segundo Lucila Reis Brioschi “a antiga ligação dos paulistas com as terras dos índios goiases ganhou foros de Estrada ou Caminho” (Brioschi, 1999, p. 46). Assim, a estrada do Anhanguera saía de São Paulo “em direção a Jundiá, dirigindo-se em seguida para Mojimirim, Mojiguaçu e Casa Branca. Depois desse percurso feito no sentido sul-norte, o caminho tomava a direção noroeste (...)” (Idem)

Quando Bartolomeu Bueno da Silva, em 1722, pôs-se a caminho ao norte da Capitania de São Paulo não teve maiores dificuldades em chegar ao rio Grande, e, em 1726, o descobridor de ouro em Goiás e seu genro receberam uma sesmaria no Caminho de Goiás. A possibilidade de enriquecimento através do ouro provocou uma rápida conquista do território, e, segundo Lucila R. Brioschi, entre 1727 e 1736,

foram feitos cerca de 69 registros de sesmarias ao longo do Caminho, além das concessões feitas aos descobridores das minas de Goiás. No momento em que a ocupação se acelerava, posseiros de longa data também tratavam de legalizar o uso de suas terras, como Marta de Miranda del Rey, que em 1726 solicitava uma sesmaria no Caminho de Goiás, declarando cultivar as mesmas terras ‘havia dezanove anos’. A maioria simplesmente alegava já se encontrar no local plantando roças e criando gado, na qualidade de novos moradores. Todos buscavam situar suas atividades em algum ponto do trajeto dos viajantes, da circulação do ouro e da possibilidade de algum comércio. (BRIOSCHI, L. R., p. 47)

Ainda no que tange ao processo de fixação da colonização deste território da Estrada do Anhaguera, durante a década posterior à descoberta do ouro são concedidas praticamente todas as sesmarias e regulamentação de posses. Perto da metade do século XVIII até quase o seu fim (1790) há uma certa estagnação de produção e população.

Os destinos de São Paulo e o território que seria Goiás foram traçados, de certa forma, desde a administração de Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão, o Morgado de Mateus, que governara a capitania entre 1765 e 1775. Ao longo destes dez anos, Morgado de Mateus restabeleceu a capitania¹⁰ e foi responsável pela fundação de cerca de vinte cidades. Entre as atribuições dadas pelo marquês de Pombal ao nobre português estavam a de proteger o sul das terras da colônia contra os espanhóis, ficar as fronteiras e expandi-las e mandar recursos para Portugal, principalmente para a devastada Lisboa, que se recuperava do terremoto de 1755. A fundação de cidades e arraiais encontrava-se no rastro da estrada do Anhanguera, aberta em 1725, que cumpria um importante papel de articulação entre a bacia do rio Paraná e a das minas de Goiás.

¹⁰ São Paulo perdeu sua autonomia em 1748, participando da jurisdição do Rio de Janeiro. Em 1765, D. José I nomeou, então, Morgado de Mateus para administrar a capitania.

Na segunda metade do século XVIII, portanto, quando a Capitania de Goyases já havia sido fundada, individualizando-se daquele território que estava confuso em relação às terras paulistas, as viagens pelas terras da Amazônia e Mato Grosso palmilharam por cerca de dez anos o que circundava Goiás¹¹.

Neste contexto, encontram-se as viagens filosóficas, que cumpriam um papel importante na administração colonial, neste momento pós-pombalino. A viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira pelas terras do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá visava à preparação de produtos dessas terras para que fossem conhecidos na Metrópole, e fariam parte do acervo do Real Museu de Lisboa. A viagem, ainda, tinha como objetivo o conhecimento e ocupação do território, para que este fosse definitivamente incorporado à América portuguesa. Desta forma, o princípio do *utis possidetis* estaria garantido, para as terras amazônicas, e das terras auríferas de Mato Grosso e Cuiabá. O território, assim, ganhava forma e uso, e a América portuguesa ganhava seus contornos. A produção de conhecimento do território incluía a formação de mapas, além da produção de informações corográficas que permitiam a expansão e futura prospecção do território.

Entre as narrativas sobre a construção do território e da cidade de Natividade os documentos vêm à luz de diversas formas, e o registro oral compõe, certamente, este conjunto documental. Perpassado por leituras próprias, narrativas ficcionais e também um tanto de literatura estão os relatos do escrivão aposentado sr. Alarico Lino Suarte, 84 anos, que diz ter consultado documentos, e informam uma data mais profunda no tempo

¹¹ “Em carta régia de 11/02/1736: Dom João, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves daquém e dalém mar em África senhor de Guiné, etc. Faço saber a vós conde de Sarzedas, governador e capitão-general da capitania de São Paulo, que eu servido por resolução de 7 deste mês presente e ano, em consulta do meu Conselho Ultramarino passeis às Minas dos Goiás e nelas determineis o sítio mais a propósito para uma vila e procureis que seja o que parecer mais saudável, e com provimento de boa água e lenha e perto de um arraial que se ache já estabelecido, para que os moradores dele possam com mais comodidade mudar a sua habitação para a vila e logo determineis nela o competente número de fregueses ainda que a povoação se aumente, e que façais delinear por linhas retas a área para as casas com seus quintais, e se designe o lugar para se edificarem a casa da Câmara e das Audiências e cadeia exterior sejam todas no mesmo perfil, ainda no interior as fará cada um dos moradores à sua eleição de sorte que em todo o tempo se conserve a mesma formosura da terra e a mesma largura das ruas, e junto da vila fique bastante terreno para logradouro público, e para nele se poderem edificar novas casas, que serão feitas com a mesma ordem e concerto com que se mandam fazer as primeiras e deste terreno se não poderá em nenhum tempo dar de sesmaria ou aforamento parte alguma sem ordem minha que derroque esta, e os governadores poderão repartir de sesmaria toda a mais terra com as cláusulas e condições com que se dão as mais do Brasil, exceto na extensão de terra que se costuma dar a cada morador. História Geral da civilização brasileira. *Apud*: SANTOS, Paulo. Formação de cidades no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001, p.57.

para a fundação de Natividade. Contudo, não diz se encontrou este documento no cartório onde trabalhou de 1951 a 1993:

Alarico: E ficou essa marcação, que eu encontrei num arquivo em 1720, em 1720 Natividade despedia provisões, quer dizer em 1720 Natividade era adulta, e a história de Natividade, ela é muito mais velha do que o que dizem.

(...)

E: E essa casa aqui é da sua família?

Alarico: Não essa casa aqui é a história do homem, do Joaquim.

E: Sim. Mas como é que ela veio pará na sua mão?

Alarico: Acidentalmente, porque quando, essa história é complicada né, tiveram uma cidade como Natividade ela é uma cidade muito, pode se dizer histórica né, porque aqui é uma trajetória vinda da Bahia. Como se diz lá, dá... temos... muita história da trajetória do senhor Pedro Alves Cabral quando acidentalmente também descobriu o Brasil e a Primeira bandeira que saiu desse movimento de Pedro Alves Cabral foi da Bahia. E dali marcha para o oeste e seguiu aqui até Mato Grosso. Tanto que eu considero Natividade umas das mais velhas cidade do Brasil.

E: Por quê? Por causa dessa história?

Alarico: As descobertas do senhor Pedro Alves Cabral né.

E: Na Bahia?

Alarico: É... que primeiro ele avistou...

E: Pascoal.

Alarico: O monte Pascoal e também pisaram em terra segura em Porto Seguro e dali veio a trajetória dos imigrantes pra explorar o ouro que existia na região e vieram para Natividade, tanto que aqui esta serra todinha é ourive né...toda removida através desses escravos na exploração do ouro.

E: O senhor usava as jóias em festas? A sua família gostava das jóias de Natividade?

Alarico: Não, eu usei algumas jóias... mas com a situação da gente que

vai aumentando, a família minha é muito estudiosa porque eu tive com os dois casal, com duas mulheres eu tive dezesseis filhos, tive mais, que era pra ser mais ou menos uns vinte filhos né. Tem vivo hoje dezesseis e tem aproximadamente uns cinqüenta netos com bisnetos, então essa casa é um verdadeiro movimento aqui.

E: Certo. Me fale dessa época que o senhor foi escrivão. Quê que aconteceu em cinqüenta aqui nessa cidade? Como que era essa cidade?

Alarico: A cidade era considerada como uma das verdadeiras cidades e aqui ... com o evento dá... no correr, veja bem o problema do... De diversas cidades ...mas a mais velha era considerado Natividade né. Como ela ficou numa posição muito mal colocada territorialmente falando, o movimento ficou naquela região e pra cá também e aqui ficou um verdadeiro desprezo. Natividade ficou só com a história, porque... com esse movimento de escravos, ali tinha o movimento fluvial, né. E aqui ficou quase abandonado né. mas aos poucos vai chegando. Ali em Dianópolis por exemplo é uma cidade que veio muito depois de Natividade mas em compensação tem desenvolvido mais por causa do processo da representação.

No Plano Diretor da cidade de Natividade, apresentado em 2005, é referido um caminho para a construção do território onde se encontra Natividade. Na lista de arraiais abaixo se percebe quão rapidamente deu-se a conquista daquela parte do território:

Entre 1728 e 1740, pouco mais de uma década, foram fundadas algumas dezenas de arraiais, sendo que, pelo menos, a localização da maioria ainda remanesce. Além dos pioneiros Santana, Barra, Ferreiro e Ouro Fino, surgiram, na Capitania e posterior província de Goiás, Santa Rita, Anta, Santa Cruz, Meia Ponte, córrego de Jaraguá, Crixás, Traíras, São José, Arraiais, São Félix, Pilar, Cavalcante, Natividade (São Luis), Carmo, Almas, Porto Real, Pontal Corumbá, Bomfim, Santa Luzia, Santo Antonio, Flores, entre outros de menor porte e muitas fábricas ao longo das nascentes e córregos da famosa Serra Geral.¹²

¹² Plano Diretor de Natividade, p. 25

O amálgama entre a mineração e a conquista do espaço se mostra na documentação, principalmente naquela relativa ao Arquivo Histórico Ultramarino. Em uma carta enviada de Santa Ana, em 18 de maio de 1738, o superintendente das Minas de Goiás, Agostinho Pacheco Teles a d. João V, fala a respeito da devassa tirada nas minas do Tocantins pelo seu antecessor, Gregório Dias da Silva, além das inquietações dos habitantes das ditas Minas, devido ao valor da captação e por serem obrigados a captarem em Vila Boa. A resolução, então, foi a de igualar o valor da captação para as Minas de Goiás, a partir da ordem expedida pelo governador e capitão-geral de São Paulo, o conde de Bobadela, para que se ocupasse da diligência das minas do Tocantins, e passasse às de São Félix. O objetivo era o de pôr em boa arrecadação a captação e censo e evitar os descaminhos do ouro. Em carta enviada em sete de novembro de 1743 do Pará, ao governador e capitão-general daquela Capitania, João de Abreu de Castelo Branco, ao rei d. João V, em resposta à provisão sobre os descobrimentos de ouro no rio Tocantins, fomentado pelo governador de São Paulo e acerca do conflito de jurisdição entre as capitanias do Pará e Goiás.

Natividade, segundo informação que consta do Plano Diretor, foi considerada o “quarto arraial com maior captação de ouro”, em 1770. A cidade, segundo ainda o mesmo documento, teria nascido na Serra de Natividade, de onde desceu e cresceu ao longo do tempo. Segundo o Plano diretor:

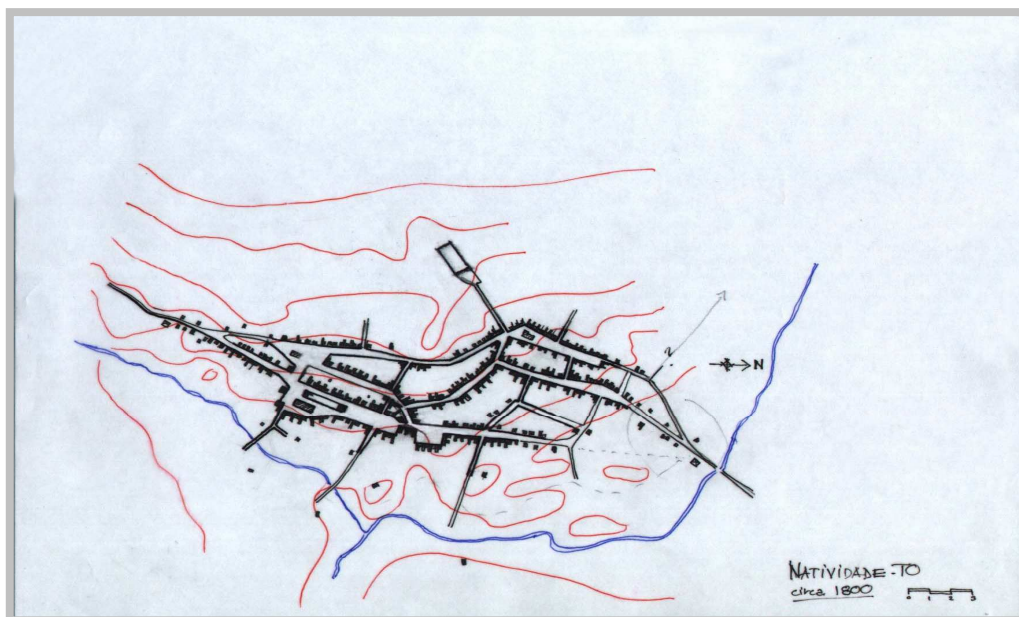
Tudo indica que naquele curtíssimo espaço de tempo várias pequenas aglomerações foram fundadas, desde as nascentes na serra até os locais de concentração do ouro aluvionar, no bloqueio do vale. Dessa forma, exploraram tanto o ouro mais fácil, bateiado no cascalho do leito dos córregos como aquele que exigiu maior engenharia, no âmago do solo onde se acumula o ouro em concreção.

Daí resultam não apenas a atual cidade de Natividade, mas também um grande número de ruínas que demonstram a extensão do esforço e da engenharia de mineração da época, inclusive o povoado de São Luis, ao qual muitos atribuem a origem efetiva dos arrais daquela serra. A falta de registros históricos mais precisos impõe indeterminações de nomes e cronologia, o que impossibilita o esclarecimento das especulações quanto a ser São Luis um assentamento à parte ou mesmo um primeiro nome para a natividade atual.

(...) deve-se considerar que Natividade era parte de uma das rotas (caminho real) sul-norte da Capitania, conectada à chapada da

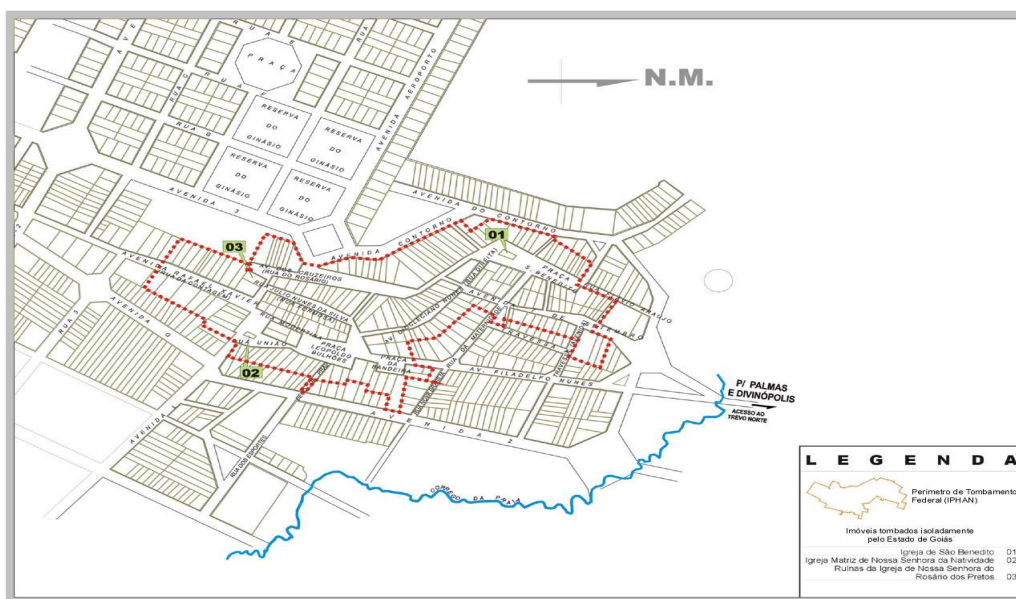
Serra Geral na Bahia, bastante próxima a Porto Real (atual Porto Nacional), e, sendo pólo de uma região aurífera, chegou a ser o segundo maior arraial da Capitania de Goiás na captação de ouro (Plano Diretor, p. 26)

A Serra de Natividade pode ser vista de qualquer ponto da cidade. É uma espécie de grande moldura para a cidade que cresceu praticamente a seus pés. É como se a cidade fosse um braço da serra, aproveitando-se das nascentes que lá existem. A água, sempre fundamental não só para a manutenção da vida, mas na produção de riquezas da coletividade. Cumpre lembrar a importância da água no processo de lavagem do ouro aluvionar, que foi a expressão desta atividade em Natividade. Tal núcleo ligado ao que podemos chamar de primeira expressão da cultura aurífera nativitana ainda está presente no conjunto arquitetônico primitivo: são as ruínas de São Luis, os diques e os canais. Abaixo, a estrutura urbana por volta de 1800, quadro que consta do Plano Diretor.



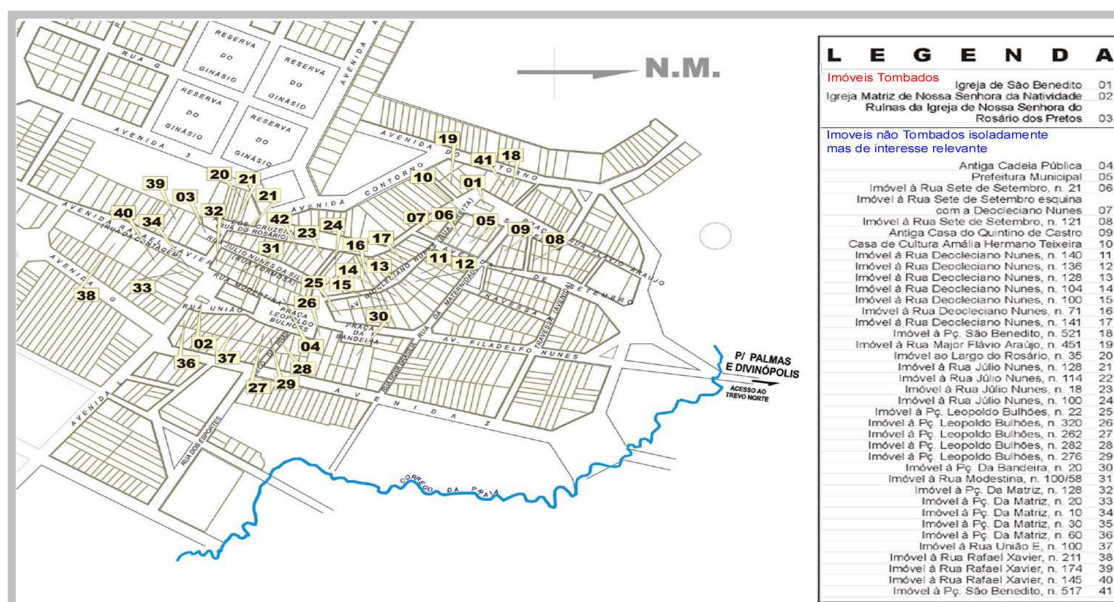
In: **Plano Diretor**, p. 58

Após as primeiras construções, encontra-se o centro histórico, com os casarios e as ruas, becos e praças que formam a identidade da cidade de Natividade. Em 1987 quando foi tombada pelo IPHAN como patrimônio nacional, do estudo apresentado constavam, entre outros, os seguintes levantamentos/recortes do sítio:



In: **Plano Diretor**, p.61

No plano abaixo, consta a relação dos imóveis tombados e dos que não seriam, mas apresentam relevância para o conjunto arquitetônico.¹³



In: **Plano Diretor**, p.63

¹³ “O conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico da cidade de Natividade está tombado como patrimônio nacional, de acordo com o decreto-lei número 26, de 30/11/1937 e o Processo de Tombamento do IPHAN, de número 1.117-T-84, inscrito em 16/10/1987 nos livros de Tombo Histórico (vol. 2, fls. 05, número 519), Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (fls. 55, número 102) e das Belas Artes (vol. 2, fls. 14, n. 590)” In: **Plano Diretor**, p. 60-61.

É interessante notar, através da história administrativa da cidade, o vivo interesse de Natividade em sediar um governo. A ASCCUNA (Associação Comunitária Cultural de Natividade) apresenta um documento, uma resposta enviada por José Bonifácio de Andrada e Silva, em 1823, a respeito de tal pedido:

Tendo subido à Augusta Presença de S. M. o Imperador as representações que lhe têm sido dirigidas por parte do Governo e Câmara do Arraial da Natividade da Província de Goiás participando não só as razões principais que deram origem à instalação daquele governo, mas também os procedimentos relativos à conservação da tranqüilidade pública e as sucessivas queixas contra o antigo Governo da Província: o mesmo Senhor, em resposta aos sobreditos ofícios, manda pela Secretaria de Estado dos Negócios do Império declarar ao mencionado governo, para sua inteligência, que não se dignou aprovar semelhante instalação, e mais atos subsequêntes, não por que julgue os indivíduos de que se compõe o dito Governo sejam destituídos de sentimentos patrióticos e honrados como fiéis brasileiros, mas por ser a dita instalação contrária às Leis, que proíbem a multiplicidade de governos em uma só província, ficando na certeza de que achando-se atualmente a Assembléia Geral Constituinte e Legislativa discutindo o projeto dos Governos Provinciais deste Império, brevemente serão transmitidas as ordens convenientes sobre o que a mesma Assembléia deliberar a este respeito; e tendo por muito recomendada a união e tranqüilidade dos povos, para o que muito contribui o exemplo da pronta e exata execução das leis do mesmo Augusto Senhor.

Palácio do Rio de Janeiro, em 23 de junho de 1823 (In: ARAÚJO, Simone Camêlo. **Conhecendo Natividade-TO.**, mimeo.)

Segundo o material que compõe o processo de tombamento, a importância de Natividade durante o século XIX permitiu a ela que pedisse para sediar o governo, já que se destacara como Governo Provisório da Comarca do Norte, à época do conflito entre o norte e o sul da Província.¹⁴ Natividade, segundo o documento do IPHAN, “era o segundo arraial em grau de importância da Província, estando o de Meia-Ponte (atual cidade de Pirenópolis, ao Sul de Goiás) em primeiro lugar.

Ainda segundo o documento do IPHAN, houve atritos ensejados pela riqueza que o ouro propiciava:

¹⁴ In: IPHAN. **Conjunto urbanístico, arquitetônico e paisagístico- cidade de Natividade.** Tombamento Federal. Ministério da Cultura, 1987, p. 7 *et passim*.

O ouro produzido no norte de Goiás (com minas mais produtivas que ao sul) era muito cobiçado pelos governos das Capitanias de Grão-Pará e Maranhão, que, além de disputarem a posse daquele território, cobravam ilegalmente os quintos reais, papel que cabia ao Governo da Capitania de São Vicente.

Em 1744, por decisão régia, cria-se a Capitania de Goiás, dando autonomia a mesma e, desta forma, Natividade e os outros arraiais da região tornam-se sua jurisdição. A capitania de Goiás fica, então, subdividida em duas comarcas: a do Sul ou Vila Boa de Goiás, e a do Norte, ou vila de São João da Palma ou ainda Duas Barras (CHUVA, Márcia R. Romeiro. **Estudo para o tombamento de Natividade**. DCT/SPHAN, 1985)

O registro deste centro histórico não se resume ao que as intempéries deixaram resistir, mas o que os habitantes da cidade incorporaram e tornaram registros em suas memórias. Registros individuais que participam dos registros coletivos, que informam e constroem os lugares de memória da comunidade. As referências nas histórias de vida dos cidadãos de Natividade, como a d. Adélia (91 anos, neta do ourives Antonio Nunes) sobre os lugares informam este dado:

Sandra: E aquela rua eu ouvi contar, que aquele lado da cidade seria como assim, a princípio, um lado mais pobre da cidade e moravam os negros no passado. Era isso mesmo?

Adélia: Bem isso mesmo. Bem aí embaixo aí tinha umas mangueiras, morava gente debaixo das mangueiras, casinha de palha, uma *xixozinha*, né, de palha e palhoça e morava gente ali....

Sandra: Ali no lago do São Benedito?

Adélia: Não aqui ó.

Sandra: Aqui aonde?

Adélia: Ali atrás.

Valdirene: Da do Rosário?

Adélia: Da do Rosário. Num tem uma casona aí?

Sandra: Tem.

Adélia: Bem aí... morava era muito preto aí....

Valdirene: Então os escravos libertos moravam próximo da igreja?

Adélia: Moravam perto daqui ... perto da igreja.

Sandra: Dessa igreja de São Benedito ou a ruína?

Adélia.: Do Rosário aqui, do Rosário.

Sônia: A lembrança que a senhora tem das ruínas é do jeito que ela é hoje ou tinha mais alguma coisa?

Adélia: Dessa igreja aí?

Sônia: É, da ruína.

Adélia: Não toda vida foi isso mesmo, a lembrança que eu tenho toda a vida é isso aí .

Sandra: Olha só que coisa interessante. E deixa eu perguntar uma coisa assim mais com relação a isso. As ruas elas eram das mesmas formas como elas são hoje?

Adélia: É, são hoje.

A Igreja do Rosário a que se refere d. Adélia data provavelmente do início do século XIX. Atualmente, a ruína é um cartão-postal da cidade, e o largo onde ela está localizada abriga vários eventos, bem como a própria ruína. Entre eles estão a dança da sússia e a festa do capitão do mastro, por exemplo. Pelo largo do Rosário passam as procissões que acontecem ao longo do ano, em diversas festividades. A construção sempre ocupou o conjunto arquitetônico da cidade, mesmo tendo sido abandonada sua construção, ainda no século XIX, que, segundo o estudo para o Tombamento, seria uma das mais significativas obras da Província.



Ruína da igreja de Nossa Senhora do Rosário, com a serra de Natividade ao fundo. Foto de Raphael Mendes.



Ruína da igreja de Nossa Senhora do Rosário, enfeitada para a chegada da Folia do Divino Espírito Santo. Foto de Raphael Mendes.

O processo de tombamento do conjunto urbanístico, arquitetônico e paisagístico da cidade de Natividade teve fim em 1987, sete anos após a morte de mestre Juvenal e pouco antes de ourives, como mestres Wal, Bisa e Jesumar iniciarem o percurso de resgate dos desenhos tradicionais das jóias nativitanas.

Uardom: Mas pelo o que eu conheço esta arte veio dos portugueses né. Os portugueses é que trabalha, são grandes mestres na arte da filigrana né. São os que, talvez foram eles que colonizaram Natividade, fez, fizeram, construíram Natividade.

Eunice: Você acha que os portugueses foram os principais autores da arte, da ourivesaria aqui? Mas os negros, os africanos também teve influência?

Uardom: Sim. Porque se não fosse assim eles, se não fosse a mão de obra deles pra extrair o metal, o ouro, então eu acho que seria bem difícil né ter essa arte aqui em Natividade, porque se não tivesse alguém pra extrair o metal, o ouro.

Eunice: Então eles ficaram mais com o trabalho braçal?

Uardom: Exatamente. Porque os senhores não iam meter a mão né.

Eunice: No barro.

Uardom: Pois é.

Parte 2

A ourivesaria e seu contexto – “entre o passado e o futuro”



Nasceu Juvenal Rodrigues Pinto de Cerqueira, no dia 20 de janeiro de 1901, em Natividade. Casou-se com Belarmina Nunes, conhecida como Belita. O casal não teve filhos, mas adotou vários. Como era de costume, o pai de Juvenal contratou o mestre Antônio Antonio Vicente Nunes para ensinar o ofício de ourives ao menino, então com 12 anos, ao custo de 400 mil réis, o equivalente na época a quatorze bois. Aluno aplicado, após um ano de aprendizagem, Juvenal recebeu o título de ourives.

A partir de 1923, Juvenal passou a trabalhar por conta própria como ourives, produzindo trabalhos magníficos em ouro e prata.

Juvenal Rodrigues foi um nativitano típico: afável, manso, acolhedor -- um verdadeiro coração de ouro; um grande artesão que transformava o ouro de sua terra em jóias admiráveis. No decorrer de meio século de ininterrupta atividade manual e artística, criando e se aperfeiçoando sempre, ele ensinou a ourivesaria a mais de quarenta jovens nativitanos. Para os aprendizes, dava o exemplo: ‘evoluir é necessário, mas sem corromper a consciência que se firmou no passado...’

Em 1979, faleceu deixando sua obra para a posteridade: ‘o fogo de minha oficina não tardará a se apagar. Mas, quando eu me for dessa vida, gerações futuras verão o que minhas mãos plasmaram’.

Folheto produzido pela Oficina Educacional de Jóias Artesanais Mestre Juvenal, implantada pelo projeto da ASCCUNA

A Ourivesaria

O início da ourivesaria no Brasil está marcado por certo silêncio, mas seu rastro está impresso neste constante esforço de anexação de terras pela Coroa portuguesa. A necessidade metropolitana de ouro como matéria-prima vigiava a colônia para que não se perdesse a produção aurífera em caminhos outros que não a viagem para Além-Mar.

Várias medidas são tomadas no sentido de coibir qualquer atividade que se destinasse a fazer permanecer o ouro em terras brasílicas. Em 1621, por exemplo, há a proibição, através de alvará, de qualquer mulato, negro ou índio exercer a ourivesaria. O sentido da proibição era claro: os escravos de origem sudanesa conheciam a metalurgia e na cidade de Salvador, no século XVII, a circulação de objetos de uso pessoal era de certa importância. Objetos como cuias, esporas, arreios e penças de balangandãs ornavam os habitantes da Colônia. Várias ordens régias estabeleceram o controle do ouro, entre elas, o estabelecimento das Casas de Fundição para conter o problema do desvio da “rota

natural”, que era a Metrópole. As Casas de Fundição são estabelecidas na Colônia, para que fosse organizada a produção e tivesse sucesso o envio do ouro para a Metrópole:

mais antigos órgãos encarregados dos tributos sobre a mineração. A primeira casa de fundição foi estabelecida em São Paulo, por volta de 1580, para fundir o ouro extraído das minas de Jaraguá e outros arredores da vila. As Casas de Fundição recolhiam o ouro extraído pelos mineiros, purificavam-no e o transformavam em barras, nas quais era apostado um cunho que a identificava como “ouro quintado”, isto é, do qual já fora deduzido o tributo do quinto.¹⁵

A necessidade da Metrópole era de ouro matéria-prima, sendo, então, a ourivesaria proibida na colônia por cartas régias de 1684, 1698 e 1703. A ordenação de 1730, contudo, tornou a permiti-la. Outra carta-régia, mas de 1766, fez com que os negros e os pardos ourives fossem distribuídos pelas milícias, tendo, mais uma vez, a ourivesaria na Colônia sofrido perdas. Desta forma, por exemplo, estabeleceu-se no Rio de Janeiro uma rua só para os ourives, para que o recolhimento dos impostos fosse garantido. Apenas em 1815 o Alvará de 1766 é revogado. A prática da ourivesaria persistiu mesmo sob a sua proibição real.

Há, na colônia, um caminho bastante sinuoso quanto à história das jóias. Sabe-se que na Bahia durante os séculos XVIII e XIX as escravas portavam adereços como os balangandãs, formados por diversos objetos que tinham um cunho mágico: proteção sobretudo – figas, tambores, pássaros, flores, dentes feitos de ouro ou prata eram ornamentos/objetos que caracterizavam as escravas (que poderiam ser de ganho) e pretas forras da Bahia. Abaixo, o primeiro balangandã traz um pequeno globo bastante próximo àqueles da flor de maracujá. O segundo traz o quase obrigatório coração. Sem falar nas tradicionais figas que desde sempre são utilizadas com o intuito de se conseguir proteção e boa sorte, Peças estas que também fazem parte da ourivesaria em filigrana de Natividade.

¹⁵ In: <http://www.receita.fazenda.gov.br/Memoria/administracao/reparticoes/colonia/casadefundicao>

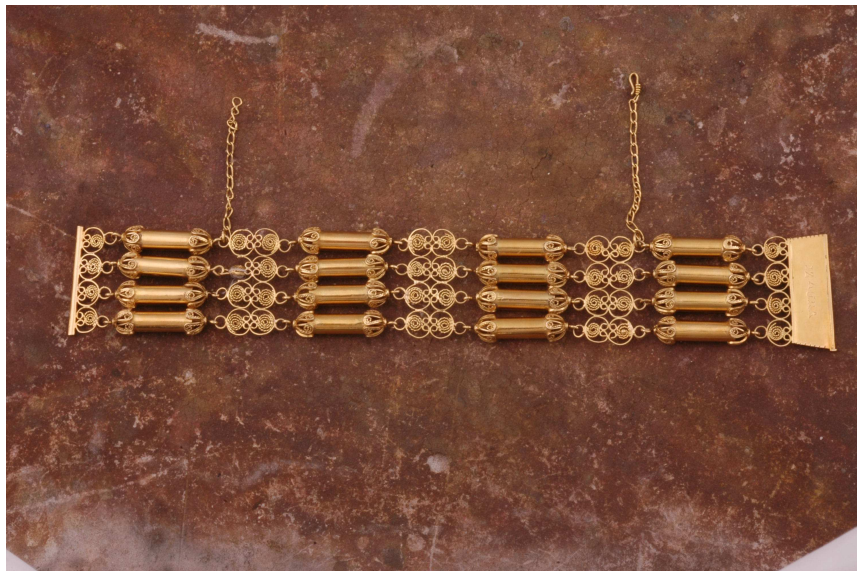


Os dois balangandãs estão em: Ermakoff, George: O negro na fotografia brasileira do século XIX. Rio de Janeiro: George Ermakoff Casa Editorial, 2004.

A foto que ilustra a entrada deste item do relatório traz a negra com jóia à cintura, em cordões que a contornavam (**também em Anexo 2, foto de negra**). Além das voltas de colares ao pescoço e do crucifixo, as pulseiras indicam desenhos que se assemelham àqueles também produzidos atualmente, em Natividade.



Ermakoff, George: **O negro na fotografia brasileira do século XIX**. Rio de Janeiro: George Ermakoff Casa Editorial, 2004.



Pulseira escrava. Foto Raphael Mendes

Não se fala especificamente de semelhança quando se trata de figas. São objetos que permanecem na cultura brasileira é atestada uma ancestralidade em Portugal, passando pelos balangandãs da Salvador colonial aos pingentes presentes na joalheria brasileira:



Figas. Foto de Raphael Mendes

Nos documentos arrolados no cartório da cidade de Natividade (**Anexo 2, fontes cartorárias**), o ouro e a prata encontram-se em diversas peças de uso geral, como garfos, colheres, castiçais, esporas. Os objetos de adorno eram fivelas, botões, cordões. Nos inventários encontram-se também objetos de atividade mineratória, como, por exemplo, uma balança de pesar ouro (avaliada em três oitavas de ouro).

O pertencimento à irmandade também é um dado que consta dos inventários. No da negra alforriada Ana Francisca Barreto, de 1805, constam uma casa, um laço de ouro lavrado, dois pares de brincos, um par de botões de ouro, uma fivela de prata, balança de pesar ouro, uma bouceta, além de conter a informação de que pertencia à Irmandade da Nossa Senhora do Rosário. É importante lembrar o papel que as irmandades possuem no Brasil colonial. Em uma sociedade marcada pela cultura católica forjada no Concílio

de Trento, a normatização era considerada sua pedra de toque. Cultura católica e sociedade de Antigo Regime, assim, se amalgamam: suas fortes marcas estariam em um modelo de grupos sociais cujas diferenças eram marcadas pelo privilégio e a nobreza. A América portuguesa, fortemente caracterizada pela escravidão, a posse de escravos e de propriedades diversas, então, seria um sério traço distintivo. Como a sociedade colonial era formada não só por brancos, mas por negros e pardos, as características simbólicas eram partilhadas por todos. Desta forma, pode-se afirmar que os indivíduos que ascendiam socialmente buscavam a os mesmos bens dos indivíduos ricos, e apontariam o lugar social ocupado, distinguindo-o dos escravos, por exemplo. As irmandades leigas cumpriam um papel interessante nesta sociedade. Participavam do tom ordenador do catolicismo tridentino e ao mesmo tempo significavam a sociabilidade para negros e pardos. Tinham o papel, entre outros, de ajuda mútua, criando fundos de amparo. Através das irmandades também poderiam estar marcadas as etnias, sendo, então, por exemplo, a Nossa Senhora do Rosário para os negros.¹⁶

Entre os primeiros inventários e os últimos¹⁷ grande parte dos escravos que constavam da documentação era de brasileiros, filhos de escravos sudaneses, especialmente mina e nagô. As etnias mina e nagô são reconhecidas por serem detentoras das técnicas de mineração, sendo as escravas mina, bem como as de Moçambique famosas por seus balangandãs.

Eduardo França Paiva, que, através de testamentos e inventários post-mortem, estudou a escravidão em Minas Gerais e a diversidade de origens dos habitantes que compuseram aquela região mineradora, afirma que havia uma significativa imigração no interior da colônia:

Predominantemente eram oriundos de regiões localizadas ao norte, principalmente da Bahia e de Pernambuco. Bem, é preciso lembrar que os limites territoriais dessa Comarca [do rio das Velhas] eram, predominantemente, oriundos de regiões localizadas ao norte, principalmente da Bahia e de Pernambuco. Bem, é preciso lembrar que os limites territoriais dessa Comarca estendiam-se até a fronteira com a Bahia e que tanto o Rio São

¹⁶ SILVA, K.V., VASCONCELOS, M. M., SAMPAIO, J. da C. Relações sócio-culturais barrocas nas irmandades de cor nas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII. In: Dossiê Cultura e sociedade na América portuguesa colonial, v. 5, n.12, out/nov. 2004. Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme>

¹⁷De 1765 a 1900, divididos em séries: 15 inventários de 1800 a 1812, 10 inventários e três testamentos, que perfazem o período de 1812 a 1818; e 16 inventários e 09 testamentos do período de 1822 a 1830

Francisco (navegável em boa extensão), que cruza todo esse território, quanto o Caminho dos Currais¹⁸, que vinha da Bahia em direção à região mineradora central das Minas, facilitavam bastante o movimento populacional e comercial. (PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e universo cultural na colônia**. Minas Gerais, 1716-1789, p. 59)

A circulação de pessoas significava, evidentemente, um trânsito cultural, e os objetos, hábitos e crenças viajaram um mundo atlântico, fazendo, então, com que identifiquemos figuras em Portugal e na Bahia, em Minas Gerais e em Natividade. Assim, pode-se pensar em um pequeno universo relacionado à mineração, que organiza uma extensa trama de relações.

O viajante inglês Thomas Ewbank que esteve no Brasil traz uma descrição interessante sobre os amuletos, que, anteriormente, neste relatório indicaram já a circulação cultural que acabamos de mencionar. Abaixo, a ilustração extraída do livro **Vida no Brasil** seguida da explanação do próprio autor.



18

O caminho dos currais ou caminho da Bahia pode ser visto em: http://pt.wikipedia.org/wiki/caminho_da_Bahia



Os amuletos marcados com as letras A, B e C, conhecidos como “signos de Salomão” são muito conhecidos; F é outro amuleto, muito usado por crianças; D são figas, uma de ouro, outra de cornalina. Vi outras de chifre, ossos, madeira e chumbo. São, sem dúvida, os principais amuletos, sendo usadas por todas as classes e todas as idades, desde a primeira dentição até a segunda infância. As figas, da mesma forma que outros amuletos, são abençoadas pelos padres antes de usadas. A figura indicada pela letra E supus fosse o dente de algum animal; objeto semelhante foi apreendido pela polícia, juntamente com outros apetrechos de um feiticeiro africano; G é de coral; o artista explicou suas virtudes, mas eu não o compreendi; I representa um par de olhos; grupos semelhantes fitam o comprador em toda caixa, variando de tamanho desde o que se vê na ilustração até duas ou três vezes maior. São constituídos de pequenos faixas de ouro e pratas incrustadas e assemelham-se aos que se distribuem no festival da protetora dos olhos, K é um amuleto de pomba; e L são chaves de forma antiga e muito comum, M é uma bula¹⁹ dentro de um anel, N é outro tipo muito usado pelas crianças; as negras mina e moçambique usam grandes amuletos semelhantes; o mesmo fazem as senhoras brancas da sociedade; O é uma espora de galo feita também de bronze, estanho, prata, etc. Na mesma caixa,

¹⁹ Uma bula é um antigo selo feito de ouro, prata ou chumbo, que pendia de documentos emitidos por soberanos, entre eles os papas.

havia outro amuleto semelhante em sua forma, mas muito maior; P e Q são anéis tendo suspensos fechaduras, chaves, corações, crescentes, ampulhetas, etc, cada um com significação própria. (In: EWBANK, Thomas. **Vida no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985)

Assim, a organização da sociedade colonial é marcada por uma conformação que combina a forte hierarquização com uma certa mobilidade, que, muitas vezes, não necessariamente nega a estrutura organizacional, mas, ao contrário, a reforça. Segundo o autor de **Escravidão e universo cultural na colônia**, esta nova ordenação estava marcada pelo hibridismo, possibilitando uma nova teia de relações culturais. Segundo José Ramos Tinhorão, as festas no Brasil colonial são palcos desta sociedade híbrida. Se em um momento inicial as festas tiveram um traço marcante do Estado, sem qualquer caráter lúdico, a partir do século XVII esta característica mudou. Tanto a questão portugueses e holandeses, quanto a vinda de negros para as terras brasileiras fizeram com que as festas começassem a ter outras características. As pessoas de extratos sociais menos favorecidos passaram a tomar parte das comemorações, trazendo, assim, um “caráter mais coletivo”²⁰ às festas, e mudando “a diretriz religiosa das festas para objetivos profanos”²¹. Carlos Julião testemunhou festejos no Brasil colonial, com a presença de negros:



Carlos Julião (1740-1811). **Coroação de um rei negro nos festejos de Reis**. Aquarela. Biblioteca Nacional

²⁰ <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/2801>

²¹ Idem.

Importante recolocar o título desta sua segunda parte: entre o passado e o futuro. A citação ao clássico de Hannah Arendt ilustra bastante bem o papel da ourivesaria em filigrana em Natividade. O resgate da prática da ourivesaria não possui um sentido estático, algo que tente recuperar algum passado “glorioso” e perdido, mas o caminho em direção ao passado, ao momento primeiro da ocupação do território, a formação e sentido do arraial de Natividade cumpre um outro papel: este conhecimento enseja a construção da identidade.

A filigrana produzida na cidade de Natividade é um traço identitário daquela coletividade, que esteve em vias de se perder. A população e os mestres ourives vêm realizando um trabalho de resgate dos desenhos tradicionais das jóias, e alguns deles propõem novos desenhos, mesclando os tempos, as pessoas, as pedras e os fios. Quanto à diversidade dos tempos e a eterna construção da trama cultural, lembra Braudel:

A história do mundo não é um rio, são rios (...) há temporalidades de longa e muito longa duração, as conjunturas lentas e menos lentas, os desvios rápidos, alguns instantâneos. E podemos distinguir um tempo vivido nas dimensões do mundo, o tempo do mundo, que no entanto não é, não deve ser, a totalidade da história dos homens. Esse tempo excepcional rege, conforme os lugares e as épocas, certos espaços, certas realidades. (In: BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo**. Séculos XV-XVIII. Trad. T. Costa. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998, p. 8)

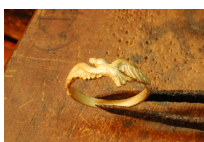
Parte 3

Uma jóia de pombinha. O divino e a ourivesaria



Raphael Mendes

Simone: É interessante a questão da zona rural né? As folias têm um papel fundamental nisso, de ir até essas pessoas através das folias, então isso transforma porque você tem quarenta dias, que são três momentos, eu já falei isso né, três momentos a cada noite, a cada dia, e durante todos os dias as pessoas param todas suas atividades, não só elas mas pra receber o Divino, pra estar falando do Divino, ouvindo o Divino e não é só aquele dia que visita elas, tem todo os preparativos e normalmente quando sai da sua fazenda você vai até a outra, então há todo um processo que as pessoas se envolvem com tudo isso, então ele está realmente no cotidiano das pessoas. Eu por exemplo estou bem muito próximo, é uma relação muito forte, então desde o início quando eu cheguei em Natividade uma das coisas que me tocou foi quando eu vi a festa, porque eu não assistia a uma época longa né e quando eu voltei em 90, eu assisti a primeira festa, eu disse: eu acho que eu tenho uma grande contribuição a dar para essa festividade, porque eu vi que a festa estava assim descaracterizando, o padre Joatam vinha fazendo um trabalho de resgate e precisava de algumas coisas importantes. (entrevista concedida em 15/08/07)



Raphael Mendes

A pombinha sagrada sempre foi muito querida no mundo cristão, graças aos símbolos litúrgicos que carregava. Terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, que descia dos céus sob a forma de línguas de fogo, ‘espíritos de raios e luz de quentura’, sobre as cabeças dos apóstolos e fiéis, estava ligado ao renascimento espiritual através da distribuição de seus inúmeros dons e graças – amor de Deus, sabedoria, paz, santificação, bondade, abundância, alegria, proteção contra pragas e doenças – aos verdadeiros devotos.²²

²² ABREU, Martha. O império do Divino. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 42

Segundo o inventário de bens culturais (2005), a festa do Divino é caracterizada como:

Uma das mais tradicionais que ainda continua bastante viva e a que mais envolve a sociedade nativitana. É uma devoção geral e bastante popular. É uma festa móvel e secular que tem no sentimento de colaboração, de agradecimento e de fé as suas maiores características. Cada ano são sorteados os festeiros do ano seguinte. Os devotos do Divino dão o seu nome ao *procurador da sorte* e na Missa Solene do Divino faz-se o sorteio escolhendo o Capitão do Mastro e o Imperador do ano seguinte. *É o fim e o início dos festejos*. As comemorações do Divino Espírito Santo têm início no domingo de páscoa, com a saída das folias e encerram no Domingo de Pentecostes, com a festa do Imperador. O Imperador tem a responsabilidade de organizar as três Folias: Folia de Cima; Folia dos Gerais e Folia do Outro Lado. Alguns devotos se oferecem para despacharem estas Folias, são os chamados *Despachantes*. São eles quem montam e financiam cada grupo formado por mais ou menos de 16 homens. Todos os anos a história se repete, envolvendo os nativitanos: saída, giro e pousos da Folia; encontro das Folias; esmola geral; festa do Capitão do Mastro; Tríduo; Cortejo Real; festa do Imperador; preparação das comidas e bebidas e sorteio do *novo império*.²³

As formas de expressão inventariadas se referem principalmente a partes importantes que compõem a festa do Divino ou, de alguma forma, estão relacionadas a ela. Entre as formas estão: o Tríduo do Divino, a Missa Solene do Imperador, a festa do Imperador, o Levantamento do Mastro, a Festa do Capitão do Mastro, o Cortejo real (reinado), o Bendito, a Bandeira do Divino Espírito Santo. A catira faz parte de outra forma de expressão, as Folias (do Divino Espírito Santo), que são tradicionalmente três: a Folia de Cima, a Folia dos Gerais, a Folia do Outro lado.

No levantamento que resultou o inventário das referências, as celebrações e formas de expressão têm um caminho que se amalgama com a religiosidade. Entre as festas mais importantes da localidade estão Festa do Divino Espírito Santo, Tríduo do Divino, Missa Solene do Imperador, Romaria do Senhor do Bonfim, Ofício de Nossa Senhora, Festa de São João, Procissão de Nossa Senhora das Candeias, Festejos de Santos Reis, Festas de Nossa Senhora de Natividade, Festa de São Benedito e Semana Santa.

²³ Ficha nº. 1 do Inventário apresentado em 2005

A escolha de aspectos ligados à religiosidade provavelmente deu-se partindo da noção de referência cultural, que se mostra natural à primeira vista; contudo, pensar esta referência implica, no que tange ao patrimônio, uma nova organização daquilo que o compõe. O patrimônio cultural implica em uma característica de “resposta à fragmentação e à transitoriedade dos objetos e valores”(Gonçalves, 1996:24)

A categoria celebrações do INRC prevê que as celebrações têm um caráter religioso e social, no que tange à sua organização civil, mostrando-se através da própria organização do calendário.

A festa do Divino, como se sabe, possui um caráter religioso e popular, e estão envolvidos os vários personagens da comunidade, e destacam-se aqueles considerados autoridades na coletividade. Tal autoridade, contudo, não necessariamente está vinculada ao “lugar de mando” (cargos executivos da municipalidade, por exemplo), mas ao poder que emana do prestígio dentro da comunidade. Este prestígio não é, todavia, apenas financeiro, mas simbólico. Os personagens que promovem a festa do Divino derivam das relações de trabalho (urbano ou rural). É a celebração nativitana de maior cunho popular, com a participação de atores de todos os segmentos da sociedade.

O catireiro Belarmino Rumão em sua fala aponta a antiguidade da festa do Divino ao dizer que:

Sempre sim. Natividade tem 272, 273 anos já de emancipado e eu não tenho certeza se quando Natividade foi emancipado já existia a folia. Sei que de quando eu me entendi já havia meus pais. (Belarmino Rumão- catireiro, entrevista em 23/08/2007)

... eu acho que foi o Espírito Santo que me chamou, eu tinha treze anos quando eu comecei gira folia. O primeiro ano que eu girei um giro de quinze dias lá na fazenda eu girei na garupa de um animal do companheiro que eu trabalhava mais ele, que eu era pequeno, ele já era homão sabia gira, ele falou assim: “Não você vai mais eu”. Falei assim não, num posso ir não, como é

que eu vou de a pé. Ele falou: Você vai muntado na garupa”. Eu girei uns cinco dias na garupa dele cantando mais ele, daquela foi, cada dia passando e o povo me convidando e eu fui indo, até que chegou a oportunidade de eu cantar, mas o grupo de seu Belarmino e estamos aqui até hoje. (Belarmino Rumão-catireiro, entrevista em 23/08/2007)

A festa do Divino Espírito Santo está presente em várias localidades brasileiras. Contudo, as festas apresentam especificidades nos diferentes lugares em que acontecem. No Brasil Central, a festa do Divino é de crucial importância. O Divino ocupa um lugar, muitas vezes, de “padroeiro” das localidades. A devoção ao Divino é, no Brasil, uma manifestação da sociedade híbrida que se forma a partir da colonização. Os imigrantes portugueses, principalmente os camponeses e os de origem açoriana, são importantes agentes de inserção e divulgação da devoção e festejos do Divino.

A festa em homenagem ao Divino chega ao interior do Brasil através do caminho do ouro, mas em sentido inverso, pode-se pensar a origem para além do território brasileiro, atualmente, e do território colonial, outrora. Segundo Martha Abreu e O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900, citando Vieira Fazenda, as festas de Pentecostes estão presentes no século XIV, onde distribuía-se comida aos pobres. Os pedidos são muito comuns na festa e na devoção ao Divino. A festa do Divino é certamente a celebração da abundância e da vida, perdendo-se no tempo as origens seguras desta prática. Na Europa, segundo a autora, as festas que celebravam a vida aconteciam ao final de um ciclo da natureza: a primavera que sucedia o inverno.

A importância do Divino era tão significativa no Rio de Janeiro entre 1830 e 1900 que Martha Abreu salienta que, entre as solicitações de pedidos para festas religiosas feitos à Câmara Municipal, “o Divino foi o mais homenageado com festas; entre os pedidos de particulares, feitos por pessoas comuns, a pombinha também ocupava lugar de destaque, apenas perdendo para os conhecidos Santo Antônio e São João”(Abreu, 1999:41). A autora lembra, ainda, que a França e a Alemanha difundiram o culto ao Divino pela Europa e tinham “confrarias muito antigas, bem anteriores ao tempo da Reforma

Católica, e, portanto, suscetíveis a uma menor ortodoxia religiosa (...) essas confrarias do Espírito Santo sempre estabeleceram importantes vínculos com os setores populares e com as comunidades como um todo, por não se identificarem diretamente com algum grupo social ou profissional (Idem: 42). No século XIV, como destaca a autora, na França havia os “royames” ou “reynages”, “onde reis ou rainhas, geralmente os mecenas da festa, eram eleitos e gozavam de soberania sobre os ‘irmãos’ do santo padroeiro” (Idem: 40).

A população participe da festa na pesquisa de Martha Abreu era totalmente híbrida, e ela faz menção às observações da historiadora Mary Karasch, quanto ao “poderoso amuleto” que era a bandeira do Divino entre os escravos, e, também menciona a observação do viajante germânico F. von Weech sobre a presença na festa: “era impressionante encontrar ‘tantas pessoas de misturadas origens divertindo-se juntas’” (Idem: 46)

No estado do Tocantins, as festividades do Divino Espírito Santo se dão entre janeiro e julho, e, segundo o site www.portaldocidadao.to.gov.br, a cidade de Natividade mantém o caráter móvel da data de celebração²⁴. As Folias do Divino saem no Domingo de Páscoa (08/04/2007), após a bênção das bandeiras que giram quarenta dias e retornam em um momento de grande festividade (17/05/2007). Tal momento é chamado de “a chegada da Folia” (quinta-feira da hora); há dez dias de recesso, quando ocorrem, então, a esmola geral (26/05/2007) e as festas do Imperador (27/05/2007) e do Capitão do Mastro (26/05/2007).

²⁴ Segundo o site www.portaldocidadao.to.gov.br, são duas as cidades no Tocantins onde a festa do Divino é mais expressiva: Monte do Carmo e Natividade. Na primeira cidade, contudo, a festa adquiriu data fixa, aproximando-se da festa da Padroeira, em 16 de julho.



Saída da folia do Divino Espírito Santo –
Foto Celso Bastos



Esmola geral da festa do Divino Espírito Santo – Foto Ranaheel Mendes



festa do capitão do mastro na chegada da folia do Divino Espírito Santo – Foto Raphael Mendes



festa do imperador na chegada da folia do Divino Espírito Santo –
Foto Ranaheel Mendes

Em Natividade é possível perceber que o Divino se faz presente no cotidiano da vida das pessoas: na ourivesaria dos Mestres Wal e Bisa cartazes se espalham pelas paredes, as pombinhas do divino representam, grande parte da produção da oficina, além do coração feito em filigrana. Na oficina de mestre Jesumar, está a caixa, que, mesmo como enfeite, pendurada na parede, lembra o seu papel nas folias. As bandeiras do Divino podem ser vistas em várias casas nativitanas, além de cartazes e estampas que circulam em camisetas, produzidas ao longo de vários anos no momento da folia. D. Adelina, a parteira, usualmente veste sua camiseta com o Divino estampado. O cotidiano está impregnado deste símbolo, que, ao sair do momento festivo, ganha o desenrolar do dia-a-dia. A festa do Divino em Natividade envolve toda a comunidade, e lá está a pombinha saída das oficinas dos mestres, ganhando a rua, neste momento de celebração. Esta imagem é produzida em diversas formas e tamanhos por artífices das duas ourivesarias de Natividade, e as jóias com a pombinha são as de maior saída.



Ourivesaria Mestre Juvenal – Foto Raphael Mendes



Ourivesaria Mestre Juvenal – Foto Raphael Mendes



Esposa do ferreiro da cidade com a bandeira do Divino, guardada em casa. Foto de Sandra Lima



Parteira d. Adelinal – Foto Raphael Mendes

Na composição da identidade nativista estão as marcas construídas no tempo. A festa entrelaça passado e presente, e, quanto, especificamente, à festa do Divino podemos identificar o que é próprio da sociedade colonial e o que permanece na pós-colonial. Segundo Íris Kantor e István Jancsó:

O que durante séculos foi uma constante, ganhou nova magnitude na América portuguesa quando a descoberta do ouro em Minas representou um novo momento do processo colonizador, correspondendo à plenitude do regime de festividades barrocas nos principais centros urbanos de então. [...] Inseridas na lógica da cultura política do Antigo Regime, as pessoas recebiam, davam e retribuía nas ocasiões festivas, pondo em circulação solidariedades, mercadorias, os costumes e as regras que orientavam a vida social. [...] Como é sabido, a colonização constituiu-se em empreendimento de sucesso multissecular, dotado de enorme capacidade de adequação de meios a objetivos. Hoje percebe-se com crescente nitidez que essa adaptabilidade resultou em complexas formas de sociabilidade expressando tanto os limites da eficácia dos paradigmas metropolitanos, quanto revelando a necessidade de recurso àqueles paradigmas, recurso insubstituível para conferir consistência aos fundamentos ideológicos da colonização. Esse problema, que é parte constitutiva de toda indagação historiográfica que contempla a formação da nação brasileira, encontra na interseção da cultura e das práticas festivas (necessariamente codificadas) promissor terreno para seu melhor entendimento.²⁵

Assim, as formas de expressão inseridas na Festa do Divino Espírito Santo informam sobre a trajetória do espaço que se forma a partir da cultura aurífera; uma nova territorialidade. A medalha do símbolo do divino, a pomba, está no pescoço do folião que dança a catira nas expressões denominadas Folias (de Dentro, dos Gerais e do Outro Lado). O trajeto feito pelas três folias evidencia esta relação, bem como a relação com o conceito do julgado²⁶. Usualmente são três as Folias do Divino: A Folia dos Gerais que

²⁵ JANCÓS, I. e KANTOR, I. (org) **Festa**. Cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa oficial, 2001, p. 11.

²⁶ No tempo colonial as comarcas das capitanias brasileiras e, notadamente a de Goiás eram subdivididas em Julgados. A de Natividade tinham algumas sub-regiões como Chapada da Natividade áreas sob a jurisdição do Juiz Municipal do arraial e minas da Natividade, que compreendia quase toda a região norte da capitania. E através de Carta Régia de 1809, e por Decreto Provincial, a Capitania de Goiás foi dividida em duas Comarcas: a do Norte e a do sul. A Comarca do Norte, com correição da Comarca de São João das Duas Barras, compreendeu oito Julgados: Porto Real, Natividade, Conceição, Arraias, São Félix, Cavalcanti, flores e Traíras. A Comarca do Sul, com sede em Vila Boa, recebeu o nome de Comarca de Goiás e compôs-se de seis Julgados, sujeitos à correição da mesma Comarca: Vila boa, Crixás, Pilar, Meia Ponte, Santa Luzia e Santa Cruz.

tem como trajeto: chapada de Natividade, Cangas, Santa Rosa, Silvanópolis, Ipoeiras, Morro de São João, Apinagé e os diversos pousos nas fazendas; A Folia de Cima que tem como trajeto: Bonfim, Barra, Almas e Jacompinha; A Folia do Outro Lado que tem como trajeto São Valério e Príncipe.



Bandeiras do Divino – Foto Raphael Mendes

O Divino possui uma importância significativa na comunidade nativitana, mas não se pode esquecer das outras festividades religiosas características da cidade. D. Dedé destaca que no dia da Padroeira no momento da missa:

No dia, fazem se é voto ou se é promessa num sei, aí no dia da missa, então coloca os colares de ouro nela né, colares lindíssimos, coloca colar de crucifixo, coloca aqueles colar bem grande, muito bonito, enfeita ela toda de ouro.(Adélia Camelo, entrevista em 23/08/2007)

No relato de D. Dedé vê-se o momento festivo completamente entrelaçado ao sentimento religioso. Esta é uma manifestação da religiosidade popular que se desenvolveu no Brasil, na sociedade que aqui se desenvolveu, a partir da colonização portuguesa. Segundo Martha Abreu as festas religiosas são “um local privilegiado para se pensar o exercício da religiosidade popular e sua relação dinâmica, criativa e política com os diferentes segmentos da sociedade, seus próprios pares, representantes do poder, autoridades locais, setores eruditos e reformadores católicos” (Abreu, 1999:137-8).



Dona Dedé – usando colar de coração de filigrana -Foto Sandra Lima

Segundo D. Dedé, pequenos altares eram organizados em frente das casas, com toalhas, flores, imagens dos santos, terços, as janelas com suas fachadas características eram também enfeitadas, as ruas todas limpas aguardando o momento solene em que a procissão passasse pela sua porta. A fé era tão grande e nas procissões era o momento de agradecer e pedir a proteção a São Benedito, Nossa senhora da Natividade, o Senhor

do Bonfim. A procissão da Semana Santa percorria as ruas da cidade que hoje compõe o núcleo histórico. Segundo D.Adélia:

Olha saia daqui ia lá na igreja São Benedito, parava um pouco na porta, ai descia, andava a cidade toda .Tudo andava lá em cima, girava lá em cima, tudo.

Passava, passava ali na frente ali. A rua ali de Simone chamava Rua dos Cruzeiros, cheia de cruz de lá em baixo até. Cruzes, assim o, chamava Rua dos Cruzeiros e fazia estação. (...) Na festa da Padroeira no percurso que era feito as fachadas das casas, as janelas eram enfeitadas, se colocavam toalhas bordadas para a procissão passar. Enfeitadas, bordadas, botava mesinha com toalha bordada, luz , velas. Imagem, punham imagem. Algumas né. Mas eram buquês de flores né, a mesa toda enfeitadinha.Nas ruas, pedras, pedrinhas assim grugrullo. Às vezes punham um tapete, tapete não, uma toalha assim , uma toalha assim pra procissão passar. (Adélia Camelo,entrevista em 23/08/2007)

O Baile das pastorinhas representava uma saudação, uma festa para o natal, o sol era a luz, para chegada do Salvador, era uma festa de Natal acontecia à noite as pessoas, as pessoas punham roupas condizentes com a parte do mundo que ela representava, eram feitas em Natividade D.Adélia conta que participou do Baile das Pastorinhas participou e relata:

Participava muito eu fui anjo. Me lembro ainda a minha irmã, a minha irmã por parte só de mãe né, ela cantava muito bem e ela fazia parte da pastorinha e eu era pequeninha né, mas voz boa né e eu era o anjo, botava asa de mim e eu ficava toda empolgada, cantava.(...)Baile da pastorinha. A minha filha 25 de dezembro né, fazia o altar bem ali. Tinha diversas casas, diversas casa fazia o altar né e pedia pra fazer o Baile Pastorinha ali. Tinha dona Joana ali dessa rua ai atrás. Era um dia, o outro dia e assim.(...) punha o altar e tinha diversos tipos de canto né.É. Tinha o baile das quatro partes do mundo, tinha das flores, tinha filho pródigo, tinha quatro, cinco ou seis partes né, cada grupo fazia uma parte. Era adolescente e moça já de idade né. Amélia de Sena, Coraci , a minha irmã. Chamava Sinharinha. É Sinharinha.Papai fazia parte, todo mundo.(...) Mas era muito bom, filho pródigo nossa. Olha o anjo por exemplo era o primeiro que entrava, cantava assim: “ O Rei, o povos correi, realizou se as profecias é nascido hoje em Belém o verdadeiro Messias, já desponto a aurora, já raiou o mundo inteiro, já nasceu hoje em Belém o verdadeiro Messias. Vinde, vinde, vinde ver as maravilhas dos céus, vinde entoar com

júbilo glórias in excelcium Deus, vinde entoar com júbilo glórias in exelcium Deus, glória e, glória e, glórias in excelciums Deus.” Ai as outras partes respondia bem oculto, só as vozes. Como é que era, num lembro. Mas certo é que respondia ocultamente ai entrava logo as quatro partes do mundo. Quatro representantes, uma era América, Ásia, América, Asia...Europa.África e o sol. O sol era um homem né todo de coisa, enfeitado. Ele cantava também. (Adélia Camelo, entrevista em 23/08/2007)

Na comunidade nativitana, a festa do Divino, como a ourivesaria circundou o esquecimento, a perda. Na sociedade globalizada, os elementos tradicionais funcionam como os elos com o passado, como já dissemos anteriormente, e o lançam para um novo tempo, um futuro, uma nova territorialidade, já que a regionalização das manifestações se diluem cada vez mais. Segundo Durval Muniz Albuquerque Jr., “os artistas (...) tradicionalistas vão apoiar a visibilidade e a dizibilidade regional no trabalho com a memória. É, na verdade, uma tarefa de organização do próprio presente, este presente que parece deles escapar, deles prescindir”. (Albuquerque Jr., 1999:79) É interessante salientar que não há no discurso do resgate, do registro da ourivesaria como patrimônio imaterial, uma atitude tradicionalista antimoderna. As forjas estão se direcionando para outros horizontes, outras produções. O amálgama do passado com o presente/futuro produz outro artigo imagético, uma nova expressão onde as jóias e o divino retornam como fortes códigos culturais.

No entrelaçamento da devoção ao Divino e o resgate desta festa, há um trabalho de tessitura fina, uma renovada relação temporal e espacial, conforme se percebe nas palavras de Simone Camelo:

Simone: É. A visita do Divino na casa dos moradores da zona urbana de Natividade é feita através da esmola geral, não é folia. Então ai você vai que tem varias pessoas hoje pedindo pra folia ir na casa cantar, ai fica ai segurando o folião, então o padre não quer isso, porque não se situa as pessoas e até as pessoas estão cansados, querem voltar pra suas casas, pra suas famílias né, já ficaram quarenta dias fora. Então isso ai é uma coisa que tem que ser realmente a igreja que tem que tomar a frente disso e tentar conscientizar as pessoas, que se não ai fica assim eu quero que vai lá na minha casa pra fazer isso, eu tenho uma promessa....(entrevista em 18/05/07)

Os elementos que fazem parte desta festa, das comemorações indicam

Simone: É de apoio, então foi quando. A questão da confecção dos bolos por exemplo né, tinha muita receitas que estava na memória das tias que já tava lá a oitenta anos e tal. “Põe mais um pouquinho disso ai, um taquinho disso, põe uma pitada disso” . E disso a gente foi, hoje se faz uma grande variedade de bolos e que se preservou. Natividade hoje, se não tivesse esses bolos na festa do Divino talvez tinha se perdido as confecções, de ponto de ponto de confecção de bolo porque ela conseguiu ir mantendo mesmo aquela forma né, fazendo as pessoas mais idosas, fazendo o licor, hoje o padre e a igreja com essa linha de não querer álcool né, pediu para que se retirasse né a questão da bebida alcoólica, mais foi uma coisa importante porque tava distribuindo chopp, em noventa e noventa e um era distribuir chopp, era caminhão de chope e não dava conta, imagina o calor daquele igual a ontem fala que tinha um caminhão de chopp, ai ia tudo né, então estava se caminhado pelo mais fácil, era o que conseguia o mais fácil e tava difícil. Então o padre Joatam ir trabalhando muito essa questão que tinha que ter a presença das folias como uma importante, peça importante dentro dessa festividade, ele exige isso até hoje, tanto é que esse ano, ele falou: “Olha Simone”. A gente teve sentado ali ontem quando estava organizado a tarde e vai ter uma reunião agora nesse período antes da festa, não tá ainda a data marcada, mais vai ter a reunião de todas as pessoas que estão envolvidas pra fazer uma análise da festa, nós temos que coloca. Ele falou assim: “Olha Simone não é estatutos mas criar algumas normas que faz com as pessoas”. Porque fica assim, ele fala mas ai tem as pessoas já tá na festa a muito tempo, que tem as pessoas importante na questão de despachar a folia, de arcar com esse custo e também tem a gente que vem fazendo uma trabalho de registrar, de tentar ajuda nisso, ai na Associação Cultural e acaba acontecendo assim de as vezes chegar pessoa falando assim : “Oh eu sou da promessa”. Igual ontem ele bateu pesado e não quis deixa as pessoas que estavam fazendo promessas de tá dentro do espaço pra o encontro das folias, porque ficou uma quantidade tanto que tem hora você não ia sabe quem era folião quem num era, certo? Então se você abrisse brecha ali ia entra cinqüenta pessoas de cada grupo entendeu? Então vamos definir algumas normas pra que não fique batendo o tempo inteiro: o não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, vamos tentar fazer assim, eu acho fundamental também. Tinha folia que estava ai com trintas pessoas, chegar na casa, ai fica as pessoas assustadas, como é que você ...(entrevista em 18/05/07)

Bolinhos em forma de pombinhas para a festa do imperador na chegada da folia do Divino Espírito Santo – Foto Raphael Mendes



As jóias como objetos-símbolos da devoção:

Bom, a festa do Divino , ela é de cunho, de cunho Divino, ela não é, ela não é uma, não foi criada por não é criada pela, como um folclore ou, ela é uma festa nascida, de instituição Divina que foi a criação dela né, e depois da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e que foram pela inspiração Divina ela foi criada porque, (...) a bandeira vermelha, tem a caixa, porque a bandeira vermelha foi uma demonstração, uma afirmação que o espírito, Nosso Senhor Jesus Cristo apareceu aos apóstolos que foi através de uma labareda de fogo e a labareda de fogo ficou representada pela bandeira e agora a bandeira da cor vermelha é encarnada e na hora que ela vai pro giro, ela ela. (...)O fogo, a labareda de fogo, é o espírito Santo que desceu sobre os apóstolos.(...) Você entendeu? A instituição e aí ela permaneceu na, o começo dela foi na Europa em Portugal. E aí veio se expandindo pelo o mundo cristão né, e hoje ela permanece até hoje no século XXI e agora (...)o reviver da cultura (...) ela tá em quase todos os lugares num é isso, é por isso, que é preciso ter muito a pessoa ser religiosa, ter respeito ao Divino a bandeira o Divino por que ela é a semelhança, a origem dela, ela é o cunho Divino(...)ela inicia, ela sai do dia domingo de páscoa, a bandeira, aqui em Natividade, como deveria ser em todo lugar, mas aqui tem lugares que ela as em outra época né outra data, mas daqui ela sai para o giro é domingo de páscoa. (Sr,Joaquim, entrevista,em21/04/2007)



D. Laudelina borda as bandeiras do Divino Espírito Santo – Foto Raphael Mendes

A origem do culto ao Divino que fundamenta as folias hoje segundo o padre Joatan se deve a rainha Izabel neste sentido percebe-se a influência sócio-econômico-cultural dessa festividade. Diz ele:

(...) entrou também um problema político e cultural. Quer dizer, a rainha Izabel, mulher de Dom Diniz, vendo o reino em pandarecos. E aí então, ela era cristã né. Vendo o império Sacro, chamado império, assim ela pegou-se com o Espírito Santo. (...) Quando ela tá no poder aí ela faz uma celebração e entrega num cortejo do palácio até a catedral, ela entrega e deposita no altar a coroa de rainha como se fosse a coroa do Espírito Santo.(...) E ela disse: "Olha Espírito Santo de hoje em diante o senhor que será o rei de Portugal, porque o meu marido". Mas dizem a história, eu que já li em alguns relatos que em menos de seis meses já ouvi sinais. E aí então ela se comprometeu em divulgar a devoção. Aí ela também, um fundo político sem dúvida, isso passa para as colônias, no Brasil a festa do Divino caracterizou também isso né, daí a nomenclatura né, Imperador do Divino, tem a haver alguma coisa, que isso não é do evangelho né, de onde que tirou essa história do Imperador, vocês podem pesquisar da onde que saiu essa história, como que em Natividade, Almas, Conceição e em outros lugares o que faz a festa é chamado de Imperador e a mulher dele Imperatriz. Bom isso tem algum vínculo histórico – cultural. Tal como o período colonial as nações católicas e impéricas assim como Portugal e Espanha tinha concordatas com a fé apostólica né, que hoje é o Vaticano, de as escolas dessas concordatas. Um ato público entre um governo e outro chama se tratado né? O tratado ou então o acordo né? Acordo entre a fé apostólica é chamada de tratado ou concordata. Quer dizer que a razão de Nossa Senhora num ser tão, mais Ela que é forte aqui né.(...) Porque a festa de Nossa Senhora não atrai como a festa do Divino. Por quê? O povo daqui mesmo explica a razão, diz: "Olha Nossa Senhora não visita."Né? "Nossa Senhora Não visita o povo". O Divino como sai de casa em casa então ganha mais.(Joatan, entrevista em 18/05/2007)

Padre Joatan traça uma história recente dos festejos do Divino em Natividade:

A essência e a forma é a mesma né. O que vai descaracterizado é uma tentativa de organiza melhor, porque é uma multidão e não se pode salva guarda a essência de uma coisa e a sua forma né, aí mudado porque isso descaracteriza como resultado. Então a gente tenta organizar e a organização têm que ser cautelosa para não venha a fim de organiza descaracteriza. Então a gente organiza pra quê? Pra dá oportunidade a multidão festeja aquilo que gosta. (...) Ou seja quando eu era menino lembro muito bem, a gente escutava a caixa do Divino a duas ou três léguas né, e o povo se preparava, dormia lá do outro lado da serra ali quando era de noite o caixeiro batia, então

todo escutava aquela vibração: “Olha o Divino ta dormindo na casa de fulano”. Isso o povo perdeu, essa mística desta informação que era dada no giro, o Divino avisava. Olha que beleza, que saudade eu lembro, todo mundo se emocionava, o Divino ta girando olha a caixa surrando ai. Hoje é um mundo barulhento. No tempo que eu era menino não tinha isso. Olha como é que você escuta a caixa ta bem ali, toda hora passa um carro. (...) Então os instrumentos de percussão hoje eles estão fadados a ficar só dentro do salão e irritando muito o ouvido, porque não mais. Entenderam? (Joatan, entrevista em 18/05/2007)



Montanário (Toca) – tocando a caixa – Foto Raphael Mendes

As narrativas que aqui mostram-se tão importantes quanto à relação passado/presente, tradição/transformação informam um outro pertencimento igualmente crucial para o estudo e a reflexão sobre o patrimônio: a nação está sendo permanentemente elaborada nestas formas que as coletividades apontam para si. Não se fala necessariamente em grandes contornos da nação, mas essa trama tecida dia após dia, “as narrativas nacionais estão sendo sempre contadas e recontadas, assim como ocorre com os mitos” (Gonçalves, op cit, p21).

A relação entre as narrativas apontam para uma outra direção, e, ainda uma vez mais, é importante ressaltar o caráter híbrido da sociedade brasileira, dos vários discursos e mitos de fundação. Em Natividade, o ouro que foi o responsável pela criação da cidade,

mas os mitos aprofundam-se em experiências diversas. D. Romana é uma destas experiências, que, à primeira vista, se parece com o que é o elemento folclórico: uma integração do povo com o que é o regional. D. Romana vive um tempo próprio, esperando por um acontecimento que trará a destruição de tudo, e ela crê que o seu sítio será o lugar onde haverá uma estabilidade, sendo, assim, um certo guardião da vida. Diz ela: “Esta casa é um campo de energia, uma tomada que vai ligar”. A “ligação” acontecerá em breve, mas ela não sabe a data. “Deus contém seus planos e só revela na hora certa. Temos que rezar para fazer parte dos planos Dele”.

D. Romana é um desafio a mais para os pesquisadores. Seu sítio é um lugar repleto de formas, imagens e significações traduzidas em suas esculturas que assumem os mais diversos formatos e formas de representação. Na frente do sítio há três cruzeiros maiores que uma pessoa. A entrada é emoldurada por um grande sol. Assim, entre esculturas feitas de pedras e cimento representando anjos e serpentes, pombas e sereias esta personagem nativitana vive e realiza seu trabalho.²⁷ Ela foge a uma classificação apenas, congregando a maior parte das categorias de referência cultural. Benzedeira, herborista, vidente – e – devota do Divino. Do sítio de D. Romana sai uma folia que não se confunde com a da igreja católica, indicando uma certa rivalidade na leitura que faz da devoção e do papel do Divino Espírito Santo na vida da coletividade.



D. Romana em frente a sua escultura mãe –
Foto Raphael Mendes

²⁷ Texto extraído das fichas do INRC de Natividade, IPHAN, 2007.

Na época da saída da folia, dona Romana faz festa e doces no sítio, reza e canta antigas ladainhas cristãs, algumas em latim. A expressão da devoção não conflita com as outras crenças de D. Romana. Sem ser mãe-de-santo, ela evoca, sempre que necessário, caboclos, índios, médicos, Oxóssi ou Ogum, e afirma: “Entidade não tem dono. Cada pessoa acha que a sua linha é que é a certa ou a verdadeira. Mas as entidades são universais e não nos devem obrigações.”



D. Romana Vestida com as roupas da Festa do Divino Espírito Santo – Foto Raphael Mendes

Sobre as folias do Divino diz que ” Aí depois da Semana Santa, dia de sábado, de domingo de Páscoa sai a folia e aí nós solta as folias, elas giram aqui quinze dias e aí com quinze dia ela volta. A nossa é diferente, a nossa é de pé, a nossa folia, é uma peregrinação. Ela sai aí do sertão girando, com 15 dia ela volta, e aí, agora já tá os bolos preparado já tudo preparado, e aí recebe a fulia e pronto.”

As explicações que D. Romana dá ao seu trabalho invocam momentos, que, para ela são anteriores ao cristianismo, um momento em que a natureza tinha um caráter sagrado. O sítio Jacuba, segundo sua proprietária, foi escolhido para desempenhar um papel fundamental na transformação do mundo, que ela acredita, acontecerá. A escolha se deve ao fato de o sítio se localizar ao pé da Serra de Natividade, considerada um local

sagrado repleto de cristais, cascalhos e árvores frutíferas, fertilizado por um rio cristalino com poços e piscinas naturais que deságuam em cachoeiras. Sem recorrer à imagem do paraíso cristão, Romana explica que antes de as coisas serem separadas e de as santidades serem divididas em categorias religiosas tudo existia misturado — e ainda existe. “Acredito que o que eu vejo é bom porque é Deus quem me mostra. Mas às vezes a gente vai em lugar onde está tudo junto, antes de ter a separação do Bem e do Mal.”²⁸



Escultura de D. Romana representando o Divino Espírito Santo – Foto Raphael Mendes

Estas várias formas de expressão e manifestação presentes em Natividade evidenciam a imensa riqueza cultural desta coletividade que se une e se divide em suas diversas formas de representação e ressignificações. Enfim, o patrimônio encontra-se relacionado diretamente à propriedade, contudo, sua principal característica baseia-se naquilo que é herdado. Nesta simbiose entre passado e presente, entre objetos e símbolos, objetos e pessoas possuem identidades complementares; tornam-se “objetos e sujeitos (...) materiais e imateriais, naturais e culturais (...) masculinos e femininos” (Gonçalves, 2005, p. 18)²⁹.

²⁸ *idem*

²⁹ Gonçalves, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 11, n.23, p. 15-36, jan-jun 2005.

Parte 4

A História recente da ourivesaria nativitana

Simone: É, de mercado, de novas linhas, de se trabalhar um novo mercado, você tem a linha tradicional, que é a linha que você confecciona maior quantidade de ouro, é mais tempo, é, mas que você vai trabalhar um mercado, trabalhar a prata. Natividade hoje, a prata entrou no mercado realmente certo. Então tem muita gente usando jóias de prata e abriu o mercado realmente.

Então o que nós queremos, formar uma turma que vai trabalhar principalmente com a prata, porque esses aí não querem trabalhar com prata, porque ganha muito menos, dá até mais trabalho.

E: Mas a prata na ourivesaria, a filigrana em prata já era também uma tradição?

Simone: Exato, já se trabalhava com prata, só que a prata era pra quem não tinha dinheiro pra comprar o ouro, então era meio que discriminado, certo.

O ouro é o carro chefe, nós conseguimos inserir bastante a prata, os colares de prata. Sê vê fica bonito, as pessoas ficam, o negro usando a prata brilha né, então fica muito bacana e abriu bastante o mercado. (Simone em 16/01/07).



Raphael Mendes

4.1 Alguns antecedentes

A partir do século XVII, inúmeros arraiais e vilas são criados. Territórios se separam, criam-se capitânias. Viajantes percorrem a América portuguesa colhendo espécies de toda ordem para que a metrópole conheça melhor seus domínios e demarque seus limites. Os caminhos do ouro avançam em uma terra ignota, em um território que se tinha notícias apenas pela população que lá existia. Natividade toma forma neste caminho do ouro, no séc. XVIII, e ali, ao pé da serra começa sua trajetória no tempo. Escravos são levados para lá para trazer a tona o metal que, fundido, se transformará em

pombas, corações, figas, flores de maracujá e fios. Fios de filigrana que ornaram pescoços, braços e orelhas...



Serra de Natividade – Foto Sandra Lima

Natividade foi reconhecida como Patrimônio Histórico Nacional em 1987, quando ainda pertencia ao antigo norte de Goiás. Ela é a única cidade no Estado tombada em instância nacional. Faz parte do Programa Monumenta/BID, que tem como fundamento a preservação do Patrimônio Histórico Urbano Brasileiro. O que se destaca principalmente em Natividade, além do conjunto urbanístico é a preservação de uma arte secular herdada pelos portugueses, a técnica da confecção em filigrana de jóias artesanais em ouro e prata.



Casario - Raphael Mendes

A herança portuguesa da técnica da filigrana atravessou séculos e tem se mantido viva pelas mãos de mestres ourives nativitanos. Em Natividade, a cultura local apresenta, ainda hoje, traços de influência africana e portuguesa, o que se expressa em muitas de suas manifestações culturais, em seu cotidiano e também pela permanência de comunidades remanescentes de quilombos na região.



Potes de uma casa do Quilombo da Redenção – Foto Sandra Lima

Tanto a confecção de jóias quanto seu uso fazem parte da tradição cultural da cidade. Tal característica pode ser observada nas ruas da cidade, pois as jóias são usadas pelos habitantes de variadas camadas sociais. Peças feitas em filigrana, como o coração português, o coração nativo, o brinco flor de maracujá, são características do trabalho lá desenvolvido. Outras jóias como a “peixa”, o anel escravo, o crucifixo e o relicário são modelos maciços ou feitos com placas trabalhadas, podendo ou não conter o trabalho em filigrana.

A filigrana é a técnica de utilizar fios de ouro ou prata tão finos quanto os de um cabelo, que, entrelaçados e soldados, formam uma delicada renda, transformando-se em peças inteiras ou podendo ser aplicados como detalhes em outros objetos.

Essa técnica se remete também às origens etno-linguísticas da escravaria, que para ali foi a partir da fundação da cidade. Esta escravaria revelava um quantitativo importante dos negros mina, provenientes da Costa do Ouro e que trouxeram importantes técnicas

de mineração e possivelmente de joalheria (como era de costume na África ocidental) para a vila de Natividade.³⁰



O fio da filigrana - Raphael Mendes

A partir da sua ocupação inicial e no transcorrer do setecentos, Natividade recebeu escravos de dois grandes grupos lingüísticos africanos: sudanês e banto. Os sudaneses eram, normalmente, adquiridos na Bahia, vinham em comboios do Recôncavo Baiano, via sertão do São Francisco em direção a Natividade. Os bantos, normalmente, afluíam para a região de Natividade vindos do porto do Rio de Janeiro³¹.

Sudaneses eram os negros procedentes do Golfo de Benin, na África Ocidental: Nagô, Iorubá, Jejê, Mina, entre outros³². Os negros denominados minas eram, freqüentemente, utilizados na mineração, por já trazerem da África métodos de extração aurífera. Na África, os minas conheciam a mineração de ouro aluvional que coletavam na curva do rio Niger, nas áreas de Baimbuk e Buré, desde a Idade Média. A metalurgia africana, em vários aspectos, encontrava-se em um estágio tecnológico mais adiantado do que a dos europeus. Esses negros faziam parte dos “povos de língua ewê, do Togo e Daomé

³⁰ APOLINARIO, Juciene Ricarte. *Escravidão Negra no Tocantins Colonial. Vivências escravistas em Arraias (1739-1800)*. 2. Ed. Goiânia:Kelps, 2007.

³¹ Idem

³² APOLINARIO, Juciene Ricarte. *Vivências escravistas no norte de Goiás no século XVIII*. In. GIRALDIN, Odair (Org.) *A (Trans)formação histórica do Tocantins*. 2. ed. Goiânia: UFG.Palmas:UNITINS, 2004.

(do grupo kwa), segundo Pierre Verger, provenientes dos portos ao longo da Costa do Daomé, mas teria emigrado na opinião de Vivaldo da Costa Lima, da região da Mina (Gana) para a região de Anexô (entre os atuais Togo e Daomé)”³³.

De acordo com Alberto Costa e Silva (1996), as principais regiões onde se exploravam o ouro, por volta do século XVI, fosse de origem aluvional ou de rocha em profundidade, eram a núbia, banbuk (nos limites do Guiné-conacri), Lobi (sobre o rio Volta Negro), o país dos Ashanti (no atual Gana) e o planalto oriental de Zimbábue³⁴.

Sabe-se que os minas foram os mais utilizados durante a faina extrativa das minas de Goiás, especialmente no século XIX, e eram valorizados nessa região, posto que já traziam da África várias técnicas de extração aurífera. Segundo Paiva (2002), o termo Mina suscita interpretações, pois a origem do termo está associada com o castelo de São Jorge da Mina, erguido pelos portugueses, em 1482, na costa africana, onde, hoje, está Gana. A região passou então a ser chamada de Costa da Mina. Os escravos embarcados os portos existentes nessa região eram, então, chamados de mina. Assim sendo, levavam a denominação de onde eram embarcados, ainda que fossem oriundos de outras regiões.

À época havia uma tradição entre os luso-brasileiros que investiam nas áreas mineradoras do Brasil de que os escravos mina tinham poderes de descobrir ouro, mas era sabido que, há séculos, homens e mulheres da Costa da Mina conheciam as técnicas de mineração e também de fundição de metais preciosos. O que levou os traficantes luso-brasileiros a sempre escolherem os negros e negras Mina foi principalmente pelo conhecimento das técnicas de mineração e metalurgia³⁵.

Os minas assim como outros povos africanos foram agentes de mediação cultural junto aos habitantes da capitania de Goiás. Mesmo que tenham existido adaptações ressignificações e hibridações culturais os escravos e escravas da região da Costa da Mina tornaram-se atores singulares, ao criarem espaços de liberdade e resistência ao moldarem e rearranjarem as práticas culturais da sociedade escravista mineradora, entre

³³ Idem

³⁴ SILVA, Alberto Costa. A enxada e a lança. A África antes dos portugueses. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996, p. 136.

³⁵ APOLINARIO, Juciene Ricarte. Escravidão Negra no Tocantins Colonial. Vivências escravistas em Arraias (1739-1800). 2. Ed. Goiânia: Kelps, 2007.

elas o “saber fazer”³⁶. Acredita-se, portanto, que as mãos de escravos negros tenham contribuído para ressignificar as formas, traçados e símbolos que passaram a adornar os corpos das senhoras de escravos sejam brancas ou negras forras. Jóias que até os dias atuais fazem parte da cultura material e imaterial da sociedade nativitana no atual estado do Tocantins³⁷.

(...) Ôh mãe Ana ela, pelo que eu, num sei bem a história dela não. Mas o povo fala aqui é o seguinte: que os navios negreiros capturavam os negros e eles vinham de todas as famílias, de todas as gentes. O afro é um continente né. Então tem diferentes nações. Vinha sempre os pobres e dentre estes vinham alguns de famílias nobres. Mãe Ana ela era um princesa lá e foi capturada trazida né, chegando aqui foi notificado então deram uma alforria pra ela. E ela viveu como se fosse uma princesa né.
(Joatan, entrevista em 14/03/2007)

A filigrana vem exatamente ser explicada por toda essa riqueza por que essas festas de Natividade é um período Áureo dessa sociedade e que ficou registrado nas festas. (...) A filigrana vem exatamente ser explicada por toda essa riqueza por que essas festas de Natividade é um período Áureo dessa sociedade e que ficou registrado nas festas. (...) (Joatan, entrevista em 14/03/2007).

Natividade situa-se na região sudeste do Estado do Tocantins, a 226 Km da capital Palmas, antiga zona mineradora da capitania de Goiás durante o século XVIII e foi fundada em 1734. Com 9764³⁸ habitantes revela características particulares, pois se encontra em um território recortado por cursos d'água. Possui ruas sinuosas e estreitas, grandes muralhas de pedras contornam montanhas, imprimindo características únicas à cidade e sua arquitetura apresenta fortes características do período colonial. Possui um conjunto arquitetônico colonial de valor relevante que foi conservado durante décadas por seus moradores. Seu centro histórico (18 alqueires), tombado como Patrimônio

³⁶ Idem

³⁷ Idem

³⁸ [http://pt.wikipedia.org/wiki/Natividade_\(Tocantins\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Natividade_(Tocantins)) consultado em: 24 de dezembro de 2007. aponta que a cidade de Natividade em 2006 possuía 964 habitantes.

Histórico e Artístico Nacional, abriga diversas edificações de valor histórico, como por exemplo a casa onde viveu o ouvidor Theotônio Segurado, a Igreja de Nossa Senhora da Natividade, a Igreja de São Benedito, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que se encontra hoje em ruína, e um conjunto de casas coloniais que vem sendo restauradas pelo IPHAN, o Programa Monumenta e a comunidade nativitana.

Na verdade, alguns estudos apontam que várias casas construídas nessa época foram edificadas sobre os alicerces de antigas moradias. Outras permaneceram, mas foram alteradas; sendo assim, não se pode definir exatamente como colonial a arquitetura em Natividade, fato que evidencia a necessidade de maior aprofundamento sobre a questão. A herança portuguesa e negra da técnica da filigrana atravessou séculos e tem sido mantida viva pelas mãos de mestres ourives nativitanos.

Em Natividade existe um mito muito presente nas narrativas dos nativitanos que diz que no século XVIII no auge da mineração, se deslocaram para a cidade um número muito grande de escravos, cerca de 40.000. E é a esse fato que se refere Simone Camelo em sua fala:

Então essa questão dos escravos as vezes eu fico imaginado que realmente tinha que ter muita gente, porque Natividade não era só aqui, então nós temos que pensar quarenta mil na região, então se você pensar, se você vai numa região lá no Morro de São João, quase lá na divisa Silvanópolis, você pega ai você vem pra região de cá pro lado de Conceição, você vai quase a Dianópolis, você pega uma grande região e ver que eles deixaram vestígios em várias localidades, então tem vestígios de exploração e essa exploração era manual, ai as pessoas fala na fazenda tal tem lá uns muros de pedra, tem ali escavações que você ve que tem muito cascalho lavado, então como era braçal pode ser que existiu. A gente nos registros oficiais não existe essa quantidade, no ano de mil setecentos quarenta e poucos e cinquenta que seria o apogeu do ouro não existia registros de que existia essa quantidade de escravos de toda a capitania, então você analisa o que tem hoje, esses vestígios tinha que ter muita gente. Aquela quantidade que tem registrada eu acho que era muito mais até porque os números oficiais naquela região

que vinha pra cá quem ia ficar né, a pessoa que pegou lá uma carta de autorização pra explora determinada mina e espaço, pegou e falou olha eu estou indo com cem escravos mais aí na realidade chegava com duzentos entendeu? Porque às vezes tinha locais que a tributação era em cima da quantidade num período que era de escravo registrado, então o explorador sabia de tudo isso e normalmente o português que vinha de uma área ou região que já tinha explorado, os africanos que vinha de regiões especialista em mineração, então eu acredito muito nisso de que os oficiais sejam bem menores e que talvez não chegue a tanto mais que era bem maior porque tem vestígios pra tudo que é lugar da mineração. (Simone, entrevista em 18/05/2007)

4.2 A ourivesaria em processo

A Ourivesaria como já referido, é parte presente e marcante na vida dos nativitanos, assinalando o cotidiano e momentos rituais há longa data, possivelmente desde os momentos iniciais da cidade. Essa arte tem sido revivida e recriada ao longo do tempo pelos ourives que transmitiram o ofício do ouro através das gerações, e pelo uso das jóias pela população, que a elas atribuem valores e significados religiosos, econômicos, sociais e culturais.

A ourivesaria nativitana, na expressão da filigrana, não é apenas uma forma da joalheria brasileira; é uma manifestação de forças culturais complexas, que se aprofundam no tempo, indo aos caminhos do ouro e à sociedade setecentista. Formas como a pombinha do Divino, a flor de maracujá, o globo e o coração não são apenas desenhos de jóias, mas expressões que vêm sendo forjadas na história nativitana desde 1734. Estes desenhos, estes objetos, não são um contato direto com o momento de fundação da cidade, mas nestas peças estão os fios que foram puxados, inclusive pelo presente dos habitantes de Natividade. As peças, como uma expressão do patrimônio imaterial, desempenham uma comunicação das dimensões temporais. A ourivesaria em filigrana de Natividade como patrimônio imaterial é justamente a artesanaria do mosaico

identitário: elas evocam as “forças culturais complexas e dinâmicas onde elas emergiram”. (Gonçalves, op cit, p. 20)³⁹.



Pombinha do Divino em filigrana – peça tradicional da ourivesaria nativitana- Raphael Mendes

E é à presença e ao uso das jóias, desde muito, tanto na cidade quanto na região, que padre Joatan se refere:

Eu conheci na minha terra Almas. Olha coisas que meus olhos não viram mais, olha quanto eu era menino lá, dia do Divino. O povo de Almas toda vida era negro mas olha dia do Divino, dia do Senhor São Miguel tinha um talha né, não sei como se chama pra pra prender o cabelo desta largura. (...) Uma presilha de ouro? Pra prender o cabelo de ouro maciço, toda bordado e nos braceletes e no pescoço. Segundo o padre sua mãe tinha um cordão de dois metros, rodava o pescoço assim de filigrana.(...) Aqui, esse povo aqui já tirou mais de mil quilos de ouro, toneladas (Joatan, entrevista em 14/03/2007)

... todo mundo tinha aquelas grandonas. Agora esses cristãos. Aqui tem uma família os Borges, eles tem muitas coisas de ouro lá de Almas. Eles tomaram de pretas velhas. Por isso que você falou assim que filigrana tanto o pobre quanto o rico usava. Porque naquele tempo minha filha não tinha pobre não, miserável não tinha, não tinha pobre, porque todo mundo tinha gado, tinha animal ia pra barreira buscar as coisas tinha dinheiro

³⁹ Gonçalves, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 11, n.23, p. 15-36, jan-jun 2005.

né. E olha aquelas pontas bonitas pequenas e grandes e ai logo fazia um cordão com umas pedras pretas, vermelha e azul tinha aqui, era lindo. Brinco, brinco de flor, brinco... (Joatan, entrevista em 14/03/2007).

Os objetos informam sobre seus proprietários tanto quanto dos lugares onde são produzidos e onde circulam. As formas de produção e circulação desses objetos estão presentes nessa tessitura intrincada entre passado e presente, memória e história. As pessoas em Natividade circulam com as jóias em momentos que vão além da festa. O uso constante de determinadas peças indica a devoção ao Divino, tão presente na cultura que se forma no interior do Brasil, nos caminhos que foram abertos pelo ouro. Caminhos traçados nas ruas e becos da cidade, pela ruína, pela igreja nos vários momentos de celebração do Divino, esses objetos de cultura são, mais uma vez, os fios que unem o passado e o presente em Natividade.

As peças feitas em filigrana, remetem a expressão de formas características do trabalho da ourivesaria nativitana. Outras jóias como a “peixa”, o anel escravo, o crucifixo e o relicário são modelos maciços ou feitos com placas trabalhadas. Estas peças são elaboradas com técnicas que unem as influências africanas e portuguesas, mas com a história construída em ambiente americano.



Crucifixo antigo— peça tradicional da ourivesaria nativitana- Raphael Mendes

A tessitura da jóia extrapola os limites do artefato, do coração, da peixe e indica os lugares onde são usados, onde estão a inspiração e os artífices: edificações, os lugares, os ofícios, a nobreza, o poder, as celebrações, alegria, a natureza, incorporadas nos rituais, que, segundo a comunidade, define o que é ser nativitano. O aspecto político, cultural e social e o sentido da vida neste contexto evidenciam a relação da vida com a ourivesaria. No constante jogo cultural, as peças são verdadeiros feixes dos sentidos político, econômico e social de Natividade.



Coração – peça tradicional da ourivesaria nativitana- Raphael Mendes

Os ourives por meio do desenvolvimento de seu trabalho com as jóias tradicionais são, de alguma forma, sujeitos que dinamizam a relação da memória e da história através das peças que fabricam. Pensar em cultura imaterial, especialmente vinculada à ourivesaria que se produz em Natividade, é ir além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes que revisitam as suas memórias e revelam os costumes, os sabores e os saberes da cultura local. E assim, a palavra transversalidade ganha novos tons e significados diante da riqueza dos conhecimentos e das tradições das pessoas simples que compõem o cotidiano do nativitano, em especial por meio da ourivesaria com foco na filigrana.

As manifestações do patrimônio imaterial são preservadas pela coletividade, em especial aqueles que desempenham papéis diretamente relacionados à complexa relação existente entre passado-presente vista nas peças da ourivesaria de Natividade. Os habitantes, os mestres ourives, os aprendizes são os principais sujeitos deste registro que ora se apresenta o pedido.

Patrimônios imateriais são, segundo a Unesco, as “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos, e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”⁴⁰. A ourivesaria nativitana exibe todos estes elementos elencados. O registro deste bem, não só a preservará como um bem cultural da coletividade, mas extrapola os seus limites municipais, indo ao encontro do dinâmico jogo de heranças e tradições, da economia e da arte.

Os ofícios eram ensinados aos jovens nativitanos como forma de profissionalização e de garantia de perpetuação. Os pais confiavam seus filhos aos mestres da cidade, enquanto às meninas eram ensinados o bordado e a arte culinária, aos garotos o serviço de marceneiro, padeiro, carpinteiro, sapateiro, pedreiro, alfaiate e ourives eram transmitidos.

A ourivesaria em filigrana é essencialmente uma técnica da joalheria e característica da arte popular. E hoje em Natividade são feitas tanto peças que buscam resgatar as técnicas e os modelos tradicionais, quanto peças artísticas mas que apresentam novos *designs*, e jóias de *designs* modernos e pouco artesanais. Na verdade, existe um estímulo para o aperfeiçoamento técnico na confecção das jóias e o resgate dos modelos tradicionais.

A noção de referência cultural aqui trabalhada, apresenta uma característica semelhante à que Braudel⁴¹ formaliza, visto que na filigrana nativitana há, além do valor artístico e

⁴⁰ <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>. Visitado em 21/11/2007

⁴¹ BRAUDEL, Fernand. Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII. Tradução de Telma Costa, volume 3- O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

histórico, também o valor econômico, que, no presente, se mostra um pilar da coletividade. De acordo com o levantamento feito, os habitantes que hoje se ocupam e se dedicam ao ofício da ourivesaria abrange cerca de quinze pessoas que estão vinculadas às duas ourivesarias que existem na cidade, e são elas: a ourivesaria dos mestres Joaquim Waldeides de Carvalho – Mestre Wal e Abisania Ferreira Gomes – Mestre Bisa = que tem hoje oito aprendizes e a ourivesaria dos mestres Jesumar Batista Borges e João Bosco Nascimento que tem hoje três aprendizes. Nestas mesmas oficinas fazem a comercialização das peças produzidas, a partir do ouro adquirido principalmente nos garimpos locais, localizados principalmente em Chapada da Natividade. A prata usada na filigrana, por sua vez é extraída do próprio ouro, que nem sempre é puro, e vem também da região da chapada de Natividade. Os garimpos de prata de Natividade hoje são escassos.



Garimpo de Chapada de Natividade - caixa – Foto Sandra Lima

Na filigrana, é necessário que o ouro seja de melhor qualidade; em geral, o ouro utilizado é adquirido na região, nos garimpos da Chapada de Natividade, de Conceição e de Príncipe, sendo o ouro deste último preferido, pois, em geral, ele não sofre fraturas e fissuras no processo de fundição. As pedras utilizadas nas jóias, em geral, são obtidas em São Valério, cidade próxima, que possui uma mina de granada e rodolita, mas a

lapidação tem de ser feita fora, na maioria das vezes em Goiânia. Outras pedras têm de ser obtidas fora. Aponta o mestre Wal que a maior dificuldade da filigrana está em conseguir o “ouro mil”, para que a filigrana não quebre ao ser confeccionada a jóia, e também para ter uma qualidade melhor de queima, garantindo, assim, uma duração maior. O ouro tradicionalmente utilizado na filigrana é o ouro mil, mas em Natividade os ourives fazem uso também do ouro 22 ou 24 que é diretamente extraído da terra.



Adelmo Pereira Barros – Garimpeiro - caixa – Foto Sandra Lima

O garimpeiro Adelmo falando sobre os garimpos da região de Natividade aponta:

Ele é centenário porque quando nós já chegamos aqui, eu que já tenho quinze anos aqui. Quando nós chegamos ele já era um garimpo, quando você chega, você vê essas larvas, essas lavras de garimpeiros que na época dos bandeirantes, então a serviços dos antigos. Hoje você usa a linguagem os antigos, esses antigos que eles falam são os bandeirantes, então você anda nesse veio, a gente chama de veio, que é esse alinhamento, que é uma lavra. Você chega ver profundidade de vinte metros, mas você vê que são serviços antigo, serviços de bandeirantes na época. Eles vinham até uma certa profundidade, chegava até uma certa profundidade, questão da época, tecnologias, enfim num tinha um avanço, eles chegava, se batia em cima de um problema vamos supor água por exemplo, bombas num tinham. (Adelmo Pereira Barros – Garimpeiro entrevista em 10/08/2007)

Nos garimpos de Príncipe e Chapada de Natividade tem “o mesmo tipo de trabalho, é exploração subterrânea, desce se um chafiti, uma caixa, acha o filão e aí você vai extrair esse material (...)

Conceição também tem filão mas existe muito trabalho aluvianário. Quê que é aluvianário? É um ouro que tá. Isso tá sobre a terra em forma de casqueiro, do barro, na terra tá, mas existe também filão mas hoje, hoje a , vamos dizer o que mas tem principalmente é um trabalho muito aluvianário lá, mas hoje já existe algumas cavas em filão, mas hoje o dominante, o forte lá é ouro de casqueiro. (Adelmo Pereira Barros – Garimpeiro entrevista em 10/08/2007)

4.3. Ourivesaria e suas principais peças

Cada modelo de peça possui um sentido especial. Em Natividade, as jóias que expressam símbolos cristão são usadas tanto por devotos quanto por não devotos. Os lugares que remetem à prática e experiência religiosa são muito importantes, hoje ainda em Natividade: a Igreja de Nossa Senhora da Natividade, a Igreja de São Benedito, e a Ruína Igreja de Nossa Senhora do Rosário, templos do período colonial e que são das mais importantes referências culturais da comunidade. Também o calendário é marcado pelas Festas Religiosas, cujas maiores celebrações são a Festa do Divino, A Festa de Nossa Senhora de Natividade e a Festa do Bonfim, momentos especiais para usar os crucifixos e as pombinhas do divino, e também as outras jóias, que, em momento festivo, podem simbolizar a ostentação e as hierarquias sociais, ou mesmo um sentimento de pertencimento.

Aqui se via muito. Se vê muito ainda na época das festividades a gente ver muito as pessoas, por exemplo a família Araújo, a família Borges, a família Camelo que são umas das mais tradicionais de Natividade que gosta de viver essa, esse espírito imperial, eles gostam de se apetrecharem das jóias, é brinco, é colares diversificados, de modelos diversificados que seja um crucifixo, que seja um peixe, que seja um coração, que seja um, simplesmente uma jóia mas eles estão sempre. Na época da festa

do Divino eles estão sempre enfeitados né das suas jóias. Isso pra quê? No meu ponto de vê pra lembrar que a festa do Divino é uma festa e império, é uma festa de rei e rainha. Então ainda que as pessoas que usem aquelas jóias não tem conhecimento do sentido aonde eu vejo, mas que pelas as raízes das festas, pelas as raízes tradicionais é isso que eu senti. Aquela, toda aquela produção é pra lembra o império, lembra rei, rainha, um pouco isso que eu vejo. (Belarmino, entrevista em 23/08/2007)

Assim, pode-se ver que as peças são espécies de ícones da identidade de Natividade, constituindo um elo entre o passado e o presente. As peças apresentam traços da criatividade e talento de cada ourives ao recriar os modelos tradicionais e realizar novas produções, e sobretudo, de cada nativitano que guarda uma jóia de família, que faz o uso das peças para expressar sua religiosidade, seus momentos especiais, ou sua simples inserção nessa comunidade. A “peixa”, por exemplo, desempenha um papel importante na demarcação dos nativitanos de sua identidade. É comumente presenteada às meninas quando saem da cidade pra estudar fora, ou ao nascerem, constituindo-se numa espécie de marca de que são desse lugar e da importância que essa referência possui para cada indivíduo.



Peixa – peça tradicional da ourivesaria nativitana- Raphael Mendes

A peixa... o que eu achava mais difícil e mais bonitinho era fazer o piau, redondinho. É muito delicado, o cabra tem que ter uma sensibilidade muito, muito grande. (Alfredo Batista Borges – aprendiz de mestre Juvenal e ex-ourives entrevista em 09/08/2007)

O ex-ourives diz que fazia “de tudo que se podia imaginar, colar, brinco, peixinha”. Diz ainda que “não sabe mais como fazer, mas que antes sabia”.

Não sei mais (risos), até mesmo a latinha de molde que eu herdei do mestre jogou fora, acabou. (...) Não, tudo era feito, puxado, derretido. Você pegava o ouro e transformava em fio. Rapaz, era complicado demais! O processo era derreter ouro em pó. Ouro vinte e dois, esses extraídos de garimpo mesmo. Aí você botava o salitre. (Alfredo Batista Borges – aprendiz de mestre Juvenal e ex-ourives entrevista em 09/08/2007)

A peixa era como um cartão de identificação nativitana. Os homens ganhavam o Divino, as mulheres a peixa.

Em Natividade todas as mulheres daqui tinham peixa. Elas ficavam mocinha o pai mandava fazer uma peixa e um colar pra botar no pescoço pra casar, andava com uma peixa no pescoço. Os homens o Divino, as mulheres é a peixa. Natividade todas as mulheres daqui tinham peixa. Elas ficava mocinha o pai mandava fazer uma peixa e um colar pra botar no pescoço pra casar, andava com uma peixa no pescoço. (...) É o prefeito, tem um anel muito bonito feito aqui. Todos os homens tinha este anelão grosso pra vestir só botava no dia do Divino e na festa do padroeiro e uma hora assim representar depois guardavam as jóias. (...) O divino é velho. O rapaz ia crescendo a mãe dava o divino pra ele pra ter juízo né. É porque as mães falavam assim, por que o divino é rapaz, então um rapazinho tem que trazer um divino porque ele é rapaz também né. Bandeira do Divino mulher num pegava só homem carregava o Divino Espírito Santo pros matos, pras folias, pra gira, todo de terno, gravata, bota, punhal bonito, uma mula ou um cavalo lindo, sela toda linda de pelego vermelho carregando um mastro do Divino, com temor e tremor né. Caminhava pelo sertão 40 dias. (Joatan, entrevista em 14/03/2007)

Ao serem caracterizados os aspectos religiosos e civis entrelaçados, mostramos a organização que os habitantes da localidade impõem-se, e o modo como os vários elementos da vida nativitana se entrecruzam.

A filigrana. A filigrana, você pode trabalha em cima desse conceito. Os pobres puxaram ouro na bateia pra fazer uma jóia pra filha que tinha né, botou ouro no pescoço dela com filigrana, casou com um bandido desse e pegou o ouro daqui e encheu ela de filhos, rancou o colar do pescoço.(...) A filigrana sonho de família para ataviar a sua, sua prole e a sua dependência. Foi instrumento também porque ela é atraente né? Instrumento também de injustiça, porque é um bem material que entre pelos olhos e Santo Tomaz de Aquino: “Belo” O belo é aquilo que visto vislumbra”. A filigrana. Muita gente teve, mais muita gente não tem mais... (...) Eu num sei, que na minha impressão que a filigrana está relacionada com o principio de elite. Não sei se você concorda? O quê que é principio de elite? Eu não tou dizendo que é gente que quer ser bom não, eu tou dizendo o seguinte as pessoas no passado todo mundo usava as jóias. Eu nasci em Almas, eu era menino. Lá tem umas festas do Divino que não é no dia daqui, é no dia trinta e um julho. Meu Deus!; O povão vindo do sertão, vindo do outro lado do rio, todo mundo morrendo, mais eu lembro o povo lá tinha umas peças de ouro que era da largura de uma mão. (Joatan, entrevista em 18/05/2007)

(...)

Mas eu nunca vi coisa tão linda, placas de diademas de ouro, o povo que usava ouro. Olha dia do Divino, dia de senhor São Miguel que era padroeiro todo mundo com seus colares. Minha mãe, o pai dela era elite, o pai dela fez um colar de ouro com mais de três metros. Quantas voltas não se dava no pescoço né? Quer dizer. Então a filigrana. Agora você ver do simples era um trabalho no ouro liso né? Singelo e tudo. Quando era uma pessoa, como o povo fala de posição, já tinha a filigrana, a filigrana era uma marca de uma estratificação social. (Joatan, entrevista em 18/05/2007).

A cruz ou o crucifixo por sua vez, também parece ter ocupado ao longo da história um espaço dentre as preferências populares. Ela também, como aponta Sousa (2000, p. 54)⁴², é enquanto instrumento de fé, um dos motivos mais difundidos e vulgarizados em todas as artes

⁴² Sousa, Ana Cristina. Metamorfose do ouro e da prata – a ourivesaria tradicional do nordeste de Portugal. Porto: Centro regional de artes tradicionais, 2000.

decorativas, eternamente associada a paixão e morte de Cristo e ao mesmo tempo símbolo de salvação. Na ourivesaria popular este fato fica evidente na diversidade de tipologias existentes e na competitividade que tem com o coração, ambos pleiteando o lugar de honra no peito da mulher nativitana. E da mesma forma que o coração pode assumir formas diversas e ser confeccionada de diversos materiais ou por diversas técnicas.



Crucifixo antigo – peça tradicional da ourivesaria nativitana- Raphael Mendes

Mestre Juvenal segundo informações de um de seus aprendizes em geral fazia um único tipo de crucifixo que variava de tamanho conforme a quantidade de ouro:

Ai a quantidade de grama. Tem o crucifixo de quinze gramas que é grande e pesado, pra gente que tem dinheiro. A peça completa teria quinze gramas. E tinha o outro que pesando com o Cristo, já pregado na cruz, dava doze gramas, certinho. (Alfredo Batista Borges – aprendiz de mestre Juvenal e ex-ourives entrevista em 09/08/2007).

Os anéis também tem grande importância na ourivesaria nativitana podendo assumir variados formatos, em razão de seu uso. Entre as jóias de mão ele recebe lugar de destaque pelo seu simbolismo principalmente enquanto elo de ligação, namoro ou matrimônio, sinal de entrega e espécie de código social. Jóias tais como o anel de mãozinha ou o anel escravo são muitas vezes usados ou ofertados em sinal de

compromisso. Os anéis como aponta Souza (2000)⁴³, reportam ao sentido de união voluntária a um indivíduo, crença, comunidade ou ideal. Eles podem enquanto peça individual reunir múltiplos segredos e constituir provas materiais de ligações que podem ter se rompido.



Anel escravo – peça tradicional da ourivesaria nativitana- Raphael Mendes

As peças mais características, da ourivesaria, estão impregnadas no cotidiano, na vida das pessoas, no processo da construção da vida das pessoas e é isso que desejamos traduzir nesse trabalho. A inserção nesse cenário ganha uma outra dimensão enxerga-se o fato como ocorre. Faz parte da essência da vida das pessoas. Do mesmo modo estão introjetadas as festas principalmente a festa do divino.

Só o Mestre Juvenal fazia o relicário. Aquela pecinha que você abre e põe uma fotografia dentro.

Fazia também, mas só o Juvenal fazia. Porque você tem que fazer um e colocar dentro de uma caixinha de segredo. (...) era de chapa. Mas se você quiser pode soldar a filigrana por cima pra embelezar, mas enquanto mais ouro, mais pesa. Juvenal fazia também um crucifixo de segredo, no tempo em que aquele

⁴³ Idem

povo rico mandava mensagem, né. Fazia nas costas e botava o bilhete dentro. Mas isso levava muito ouro e é somente os mestres dos mestres que faziam. (Alfredo Batista Borges – Ex-ourives entrevista em 09/08/2007)

É interessante a questão da zona rural né? As folias têm um papel fundamental nisso, de ir até essas pessoas através das folias, então isso transforma porque você tem quarenta dias, que são três momentos, eu já falei isso né, três momentos a cada noite, a cada dia, e durante todos os dias as pessoas param todas suas atividades, não só elas mas pra recebe o Divino, pra estar falando do Divino, ouvindo o Divino e não é só aquele dia que visita elas, tem todo os preparativos e normalmente quando sai da sua fazenda você vai até a outra, então há todo um processo que as pessoas se envolve com isso, então ele esta realmente no cotidiano das pessoas. Eu por exemplo estou bem muito próximo, é uma relação muito forte, então desde o inicio quando eu cheguei em Natividade uma das coisas que me tocou foi quando eu vi a festa, porque eu não assistia a uma época longa né e quando eu voltei em 90, eu assisti a primeira festa, eu disse :eu acho que eu tenho uma grande contribuição a dar para essa festividade, porque eu vi que a festa estava assim descaracterizando, o padre Joatan vinha fazendo um trabalho de resgate e precisava de algumas coisas importantes. (...) É de apoio, então foi quando. A questão da confecção dos bolos por exemplo né, tinha muita receitas que estava na memória das tias que já tava lá a oitenta anos e tal. “Põe mais um pouquinho disso aí, um taquinho disso, põe uma pintada disso” . E disso a gente foi, hoje se faz uma grande variedade de bolos e que se preservou. Natividade hoje, se não tivesse esses bolos na festa do Divino talvez tinha se perdido a confecção, de ponto de ponto de confecção de bolo porque ela consegue mantendo mesmo aquela forma né, fazendo as pessoas mais idosas, fazendo o licor, hoje o padre e a igreja com essa linha de não querer álcool né, pediu para que se retirasse né a questão da bebida alcoólica, mais foi uma coisa importante porque tava distribuindo chope, em noventa e noventa e um era distribuir chope, era caminhão de chope e não dava conta, imagina o calor daquele igual a ontem fala que tinha um caminhão de chope, aí ia tudo né, então estava se caminhado pelo mais fácil, era o que conseguia o mais fácil e tava difícil. Então o padre Joatan ir trabalhando muito essa questão que tinha que ter a presença das folias como uma importante, peça importante dentro dessa festividade, ele exige isso até hoje, tanto é que esse ano, ele falou: “Olha Simone”. A gente teve sentado ali ontem quando estava organizado a tarde e vai ter uma reunião agora nesse período antes da festa, não tá ainda a data marcada, mais vai ter a reunião de todas as pessoas que tão envolvidas pra fazer uma análise da festa, nós temos que coloca. Ele falou assim: “Olha Simone não é estatutos mas cria algumas normas que faz com as pessoas”. Porque fica assim, ele fala mas aí tem as pessoas já tá

na festa há muito tempo, que tem as pessoas importante na questão de despachar a folia, de arcar com esse custo e também tem a gente que vem fazendo uma trabalho de registrar, de tentar ajuda nisso, ai. (Simone, entrevista em 18/05/2007)



Relicário – peça tradicional da ourivesaria nativitana- Raphael Mendes

Durante os festejos do Divino espírito Santo todos os espaços se enchem de suas formas e presença, desde os bolos e biscoitos em formas de pombinhas enfeitando abundantemente as mesas do Divino, evidenciando a delicadeza do sentimento expresso na tradicional culinária nativitana.

As peças realmente tradicionais, como as de Mestre Juvenal que ainda podemos encontrar em Natividade, em geral eram ligadas mais à religiosidade. Os símbolos maiores relativos ao Divino... O peixe, ictes, em grego, tem um simbolismo cristão. As letras da palavra em grego formam as iniciais de Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador. Mas se a “peixa” de Natividade em algum momento teve este simbolismo, hoje, para os moradores do centro histórico, caracteriza as nativitanas.

Peixe é um símbolo cristão né? Peixe é um símbolo cristão. É... agora, hoje, hoje em termos de tradição quando se fala em peças a pessoa visualiza, mais a questão do coração em filigrana. Mas o coração foi já uma... se destacou porque ele é muito difícil de fazer quando os meninos da ourivesaria, passaram a fazer. Certo? Ai, deslanchou, tem muitas encomendas, porque não é os

corações que eram, mais antigos, eram peças mesmo raras né? Então, quando a, os meninos da ourivesaria ... passaram a confeccionar que popularizou essa. Ai quando você fala em peça tradicional as pessoas lembram do coração. É citam mais o coração. Mas a questão de tradição mesmo, as mais tradicionais as mais usadas, as mais confeccionadas eram mais ligadas a religiosidade. Eram peças principalmente que as pessoas usavam, mais nas festividades religiosas. Então é o crucifixo, é, é a questão do, do peixe, (...) Ai isso vinha no brinco, né? Vinha como pingente né? É, tinha, se confeccionava muito por exemplo, se você não comprasse, o anelzinho na Sexta Feira da Paixão, certo, sempre tinha que comprar o aquele que tem uma cruzinha e um coraçãozinho, no anel. E era também tradição. (Simone, entrevista em 09/08/2007)

Para Sousa (2000)⁴⁴, o coração se constitui num dos ornamentos mais freqüentes no mundo artístico. As raízes do emprego do coração como motivo decorativo, como amuleto ou no sentido simbólico, por parte do homem, perdem-se no tempo. Órgão vital do funcionamento do corpo humano, o coração é a fonte da vida e, por isso, cedo foi tomado como um símbolo sede da alma e retrato da vida interior do homem, das suas afeições, dos seus pensamentos, de sua coragem e vontade. Ou seja, neste sentido o coração converte-se num símbolo religioso, das ações retrospectivas a Deus pela fé, Cristo vive no coração do homem. (LURKER, 1974. p. 71 apud SOUSA, 2000, p. 92).



Brincos de Coração – peça tradicional da ourivesaria nativitana- Raphael Mendes

⁴⁴ Idem, ibidem

Ainda para a Sousa (2000), o coração na ourivesaria é fabricado em materiais diversos, desde metais sem valor econômico à prata, ouro, platina, com incrustações simples de pedras preciosas ou formando um só corpo de pedras preciosas, tais como águas marinhas, diamantes entre outras, como verdadeiros refletores de luz no peito, orelhas, braços e mãos. Em termos técnicos podem ser modelados em chapas, filigrana, fabricados por fusão ou lapidados. Tanto em Natividade quanto em Portugal os corações mais populares são os de filigrana de uma ou de duas faces, conforme aponta a autora, preenchidos com arabescos de fio e os de chapa muito fina, simples ou em chama, por vezes de chapa dupla ou ocos.

Em relação ao coração, o que se considerava era a história, não do afetivo, mas sim do Sagrado Coração. O cachinho de uva também parece ter uma forte relação com a questão religiosa. O coração como símbolo do amor e da fé seguidos junto com cachinhos de uva e relicários, medalhas milagrosas e amuletos, tais como a figa estão em uso desde já faz muitos séculos em todo Brasil colônia.

É, aí há essa relação também. Há essa relação com, dentro dessa questão da religiosidade das peças. Entra aí a questão não só do Sagrado Coração de Jesus mas, levando um pouco mais adiante, a questão do amor entre os irmãos. (...) Da fraternidade. Dessa relação de, de amor entre os irmãos. O coração simboliza isso. Daí vem a questão do crucifixo né, vem do... do peixe o cacho de uva né, nos brinquinhos né, todos são símbolos, que retratam aí a religiosidade de nosso povo. (...) Eu sei que a uva é o que produz o vinho né, e o vinho, é o sangue do Cristo. Tanto é essa relação que você vê, nas ornamentações e tudo sempre tem o cacho de uva, que daí extrai o vinho. Essa relação. Agora as peças que, mais são procuradas hoje, é, pelos clientes é o coração. Eu acho que perdeu muito o peixe, o que a gente chama de peixa, é esse espaço, porque ficou muito tempo sem pessoas confeccionar, não confeccionava com boa qualidade né, hoje o Val, hoje confecciona muito bem, mas ficou um grande período aí (...) Que ficou sem confeccionar. Então, é, por exemplo, repassando o, ele, eu já vi um dos meninos da oficina lá, um desses mais novos, já, já... (Simone, entrevista em 09/08/2007).

Mestre juvenil também fazia os tradicionais corações em filigrana:

Ele fazia coração de filigrana. Você completava em volta. Fazia o oco ou fazia o chato. O chato é para quem não tinha dinheiro de comprar duas bandas, né. O coração de filigrana é muito bom, é a única maneira do ourives ganhar mais é fazendo o que se faz rápido. (Alfredo Batista Borges – aprendiz de mestre Juvenal e ex- ourives entrevista em 09/08/2007).

O mais interessante é que os elementos que vão constituindo essa relação possuem uma base é única e a partir dessa base que vai se constituindo, e modificando o processo, então você preserva o tradicional e inova numa outra direção de acordo com a realidade sempre tendo como referência o tradicional. Em relação ao processo podemos dizer que ele sofre adequações no decorrer do tempo o que se evidencia na fala da Simone quando faz o seguinte relato:

Na realidade o coração pequeno, aí você trabalha, ou você enche filigrana ou você faz um detalhezinho, ou você coloca, parecendo que, parecendo a imagem de uma santa, então você, é um coração santo, é, com um anjo, as costas, com a asa, então, esse coração, você trabalha ele de várias, é, é como se fosse um bordado. Você têm, você tem ali uma peça e você preenche ele, né vai trabalhando, então tem esse daqui, aí se você coloca um outro detalhezinho mais encima aí ele já ganha um ornamento e eles vão trabalhando nisso. Agora o que mais se faz na oficina, é o coração que a gente chama de coração português, e o coração nativo. São duas peças que mais, é, é, procurada. O português, a gente deu o nome de português. O meu irmão fez uma visita a, fez uma visita a Portugal, e trouxe, ele trouxe um coração. E ele era mais cheio, na filigrana. Então por isso os meninos, né, conversando né. Coração português. O nativo porque era um coração que era parecido com o confeccionado há vários anos, né, que vinha se confeccionando. Aí deu-se o nome de nativo. Porque na realidade falava aquele coração, que coração, aquele que é assim, assim assado. E aí quando a gente trabalhou no projeto da ourivesaria, nós começamos a, a definir porque, até porque você vender, né no mercado fora, você tem que ter um nome, um número, uma referência, pra colocar na Internet, o coração tal, a pra saber, Ah! É esse, é dessa forma, colocar em catálogos né? Mas na realidade as pessoas não, não falavam, é o coração antigo, por exemplo, o que eu lembro bem, que a corrente, que é o modelo português, a gente chamava de coração, é, corrente antiga. A corrente modelo antigo. Falava modelo antigo todo mundo sabia, que era o modelo português. Certo? Hoje a gente chama de português, na oficina mestre Juvenal. A lantejoulas, colar né, mas os corações tem uma

variedade de modelos. Você faz pequenininho pra criança, você faz ele, em brinco, enche, preenche, você faz, tem vários. Se você for pegar, é pra cobrar [?] pegar de várias pessoas, você vê que tem um detalhezinho que o modifica, né? Você não daria o nome né, é mesmo um coração. As pessoas, não, é um coração, o outro é um coração, qual é o tipo? Ai o que a gente nomeou, são esses que são mais confeccionados. ...(Simone, entrevista em 09/08/2007.

4.4. Ourivesaria passado e presente

Após a morte do mestre Juvenal em 1979, houve um lapso no processo de confecção de jóias em filigrana em Natividade. Mestre Jesumar, que foi aprendiz deste grande mestre, mudou-se para Goiânia, onde ensinou dois jovens aprendizes que se transformariam nos mestres Wal e Bisa. Estes, hoje, junto com Jesumar vêm treinando os jovens aprendizes na arte da filigrana. Wal também foi para Goiânia, e, a partir de 1982, juntamente com Bisa, passou a aprender a arte da ourivesaria. Quando retornam à Natividade em 1990 passam, juntamente com Simone Camelo Araújo, a fazer o resgate da filigrana em ouro e prata. Pouco a pouco, Wal e Bisa resgatam as antigas técnicas para a execução das jóias que vinham se perdendo pela ausência de ourives que com elas trabalhassem. Em 1996, Wal e Bisa participaram do projeto Oficina Mestre Juvenal que tinha como objetivo ensinar a jovens nativitanos a arte da ourivesaria, mas o projeto não foi bem sucedido como se imaginava a princípio, ficando desse processo apenas dois aprendizes.

O Sr.Alfredo aprendiz do mestre Juvenal e ex-ourives fala sobre o modo como mestre Juvenal trabalhava:

Começou lá e lá terminou, ficou lá naquele quarto. Não deviam ter desmanchado o quarto dele lá, né. Eu só não fiquei com os paus do fole, né. Esses com a mudança da casa arrancaram e jogaram fora e acabou. (...) O fole era o que derretia, o maçarico era o de sopro. Era na mão... tá tudo com Simone, ela disse que vai montar tudo direitinho. E eu vou até ajudar ela a montar, ai vai ficar bacana a oficina. Eu trouxe as mesas que estavam lá na fazenda, eu trouxe tudo e vendi para ela, montar a oficina é muito bonito. Até uma cadeira, não sei pra onde foi essa cadeira, rapaz. A cadeira de botar o cliente pra sentar. Tem tamborete de mil oitocentos e tanto. (Alfredo Batista Borges –

aprendiz de mestre Juvenal e ex- ourives entrevista em 09/08/2007).

Por meio da Associação Comunitária Cultural de Natividade - ASCCUNA, conseguiram com a embaixada britânica recursos para aumentar o número de aprendizes, podendo, assim, retomar a confecção de algumas peças em filigrana que não eram mais confeccionadas e foi neste meio tempo que conseguem ferramentas de um antigo ourives (Altino Sena Fernandes) e desta forma impulsionam o resgate de peças, tais como a peixa, o anel escravo, o coração de filigrana, a pulseira escrava, entre outras. Wal, Bisa, e Jesumar têm ensinado a ourivesaria aos jovens, principalmente nativitanos, o que vem contribuindo enormemente para a preservação desta arte e a ourivesaria tem sido sua principal fonte de renda.

O Programa Monumenta, em 2004, aprovou um projeto de apoio às jóias artesanais de Natividade sob a responsabilidade da Fundação cultural do Estado do Tocantins, em ação paralela com os projetos de restauração patrimonial que estavam em curso na cidade. Um dos objetivos do projeto era o de garantir a sustentabilidade da produção artesanal das jóias nativitanas, bem como verificar sua viabilidade enquanto empreendimento joalheiro. Na verdade, neste processo o que se constata é a viabilidade do empreendimento em razão de alguns elementos fundamentais: o fácil acesso à matéria-prima, a competência dos artesãos, as jóias com alto valor agregado a partir de técnicas quase esquecidas e pouco difundidas no Brasil. Soma-se a isso o fato de ser um produto que tem um mercado próprio, com alcance social.

A formação de mais ourives é importante e necessária, pois há a necessidade não só de aumentar a produção, mas também a de criar um estatuto jurídico para as Ourivesarias, mas para que isso aconteça, são necessários ao menos vinte sócios, o que ainda não se conseguiu. Em razão da produção irregular e do ainda pequeno número de joalheiros é difícil encontrar produtos acabados nas oficinas, o que impossibilita manter um mostruário. Isso dificulta as vendas, pois o cliente, em geral, principalmente o que compra a varejo, o pessoal de fora, não se conforma de fazer apenas uma encomenda, não levando a jóia na hora da compra.

Assim, o pedido de registro desta arte vem de encontro ao interesse da população da cidade de Natividade, no estado do Tocantins, em ter reconhecida a tradicional prática da Ourivesaria nativitana como Patrimônio Imaterial do Brasil, por meio de seu Registro no Livro dos Saberes.

A renda gerada pelo ofício possibilita que dela se mantenham aproximadamente quinze ourives, dentre os mestres e aprendizes em atividade. Do total de vendas efetuadas na Oficina Mestre Juvenal e por Jesumar Batista, 80% são aos turistas e demais pessoas de fora de Natividade.

O preço do ouro é uma das razões que dificulta o acesso dos nativitanos às jóias. Muitos deles, principalmente as mulheres, desejam possuir pelo menos um dos modelos típicos, mesmo porque essa em muitos casos é uma tradição familiar. O coração de filigrana é o mais citado pelas entrevistadas. Assim, alternativas são criadas pelos moradores para aproximarem de si estes signos, tão importantes aos nativitanos e uma delas tem sido adquirir as jóias em prata.

Apontam Santos (2006)⁴⁵ e Flavio Pereira de Souza⁴⁶ condutor turístico da cidade, que o turismo tem ajudado a manter viva a joalheria tradicional, pois sem os compradores de fora, talvez apenas os mestres Wal, Bisa e Jesumar estivessem trabalhando, já que Uaci⁴⁷ se mudou para Palmas e não pratica mais a joalheria em Natividade. A ourivesaria também vem sendo veiculada por meio de publicações em periódicos, de calendários, de cartões telefônicos, de documentários e de matérias televisivas, um site de divulgação da Ourivesaria Mestre Juvenal e a consultoria de um designer de jóias para definir coleções e elaborar novos modelos.

As jóias executadas em Natividade, tanto em ouro quanto em prata, são os três corações (o português, o nativo, o menino); os colares, os relicários, a pulseira escrava, o anel

⁴⁵ SANTOS, CLÁUDIA BORGES DOS. Jóias de Natividade: Confluências e conflitos. Monografia de conclusão de curso apresentado no curso de Comunicação Social, Campus Universitário de Palmas, Universidade Federal do Tocantins, Palmas – To, 2006.

⁴⁶ Informações fornecidas em entrevista concedida a Sandra Lima/ Natividade 2007 (DVD anexo2 com entrevistas) com Flavio Pereira de Souza guia turístico de Natividade.

⁴⁷ Aprendiz de mestre Juvenal, que hoje vive em Palmas.

escravo, os brincos peito de moça, flor de maracujá, do modelo capim dourado, brincos flor do campo, flor de maracujá, o globo, pulseiras e colares brincos flor do campo, flor de maracujá, corrente lantejoulas. Há também as peças ligadas à religiosidade como os crucifixos, os pingentes divininho, o anel e brincos do divino, anel sete vidas, das tradicionais o Brinco cacho de uva com a “peixa”, os relicários, no modelo capim dourado tem sido feitos o broche, o anel, os brincos em modelos variados, os pingentes, dentre outras.



Brinco flor de maracujá – peça tradicional da ourivesaria nativitana- Raphael Mendes

Jesumar, Wal e Bisa apontam que o povo as pessoas gostam de novidade, daí a necessidade de se introduzir modelos novos, mas reconhecem também a necessidade da preservação das práticas tradicionais, para que esta arte não morra.

Jesumar, por exemplo, aponta que o anel Celebridade, o anel pedra rendada Nova Geração, o o pingente pedra rendada foram criados pela necessidade de renovação. E que a técnica de cravação, em geral, não era utilizada pelos antigos ourives porque, segundo Jesumar, eles não a conheciam. Mas hoje uma peça tradicional, que é o coração de filigrana, pode vir acrescida de pedraria porque Jesumar aprendeu a técnica de cravação quando morou fora de Natividade, e Wal e Bisa também a dominam. Outra jóia, à qual pode ser acrescida pedra é a Flor de Maracujá, seja brinco, pulseira ou colar.



Pingente pedra rendada- Raphael Mendes

Poucas informações acadêmicas existem sobre ourivesaria tradicional de Natividade, apesar desta existir provavelmente desde o século XVIII e acredita-se que uma das razões de sua permanência seja a abundância de ouro na região, por um relativo isolamento cultural de Natividade e pelo hábito dos mestres-ourives transmitirem o ofício a aprendizes. A ourivesaria é uma atividade tradicional da localidade e existiram em Natividade grandes ourives. Não se sabe com exatidão desde quando, mas tem-se certeza de que é uma arte secular. Com relação aos antigos mestres tem-se informação, através da história oral, que Mestre Cazuza (José Fernandes Belo, ourives já em Portugal), Antônio Nunes da Silva, Bernardino de Sena Fernandes, Leopoldo Hermano, Altino Sena Fernandes, Juvenal Rodrigues Cerqueira, entre outros, foram grandes mestres que repassaram a arte de ourives a outros jovens. A ourivesaria é uma das profissões mais antigas do mundo.

Segundo Sr.Alfredo, aprendiz do mestre Juvenal e ex- ourives e diversos membros das famílias dos ourives apontam que quem ensinou o ofício ao mestre Juvenal: “Foi o Antônio, o Antônio Nunes. Ele aprendeu com Antônio Nunes” (entrevista em 09/08/2007)

E quando se perguntou a ele sobre o processo da ourivesaria relatou que:

(...) Esse ourives velhos que fez as coroas de santo fui tudo na lavragem. Que coisa que é arte, não é mesmo. Tem dia que eu sonho com a lavragem. (...)Você empurra pra lá e vira pra cá, para não travar. É um negócio muito bonito, hoje em dia o artesão é bonito, é mais bem maneira de trabalhar. Falar nesses mestres dos mestres é que calcula como eram os negócios.(...) É o trabalho manual, o desenho. É o que dá a forma, o desenho, olho, a boca, os braços, os músculos, o Cristo, tudo direitinho. (Alfredo Batista Borges – aprendiz do mestre Juvenal e ex-ourivesentrevista em 09/08/2007)

4.5. O processo de trabalho

A ourivesaria é uma arte antiga tendo sido encontrados sítios arqueológicos no mar Egeu, datados em torno de 2500 anos a.C. nos quais se encontram jóias feitas de ouro. No Egito antigo já se produziam trabalhos altamente detalhados. É uma arte de grande aceitação ao redor do mundo, sendo, na Idade Média, profissionais de inegável prestígio perante aos reis e toda a Corte.

A ourivesaria exige técnica, ou seja, um procedimento cujo objetivo é produzir a jóia. Para isso é importante destacar que a técnica exige conhecimento e criatividade por parte de quem trabalha na sua fabricação. O manejo, a criatividade e habilidade de trabalhar com as ferramentas a partir dos conhecimentos técnicos é requisito essencial de um bom ourives. Nesse sentido acontece a busca de melhores formas de criar a jóia (organizar, dar forma). A técnica então diz respeito à capacidade de confeccionar os modelos de jóias, que são criados em função do conhecimento que se tem aliado a necessidade do contexto em que se vive.

Aprendizes em seu processo de criação – Ourivesaria mestre Juvenal – Foto Ranael Mendes



Muitas das técnicas utilizadas são técnicas antiqüíssimas e se as transformações dos processos tradicionais de fabrico são incontornáveis e se é também legítimo vermos esses artífices procurarem formas menos rígidas de trabalho, é também urgente registrar em texto e imagens estas formas milenares.

A inicialmente batida a frio ou aquecida no fogo para a tornar mais maleável e o fio, primitivamente martelado e rolado entre dois seixos para lhe dar forma, constituem os elementos basilares de qualquer trabalho de ourivesaria. Os ourives criam-nos, moldam-nos e transforma-nos em chapas quase translúcidas ou em fios de espessura ínfimas semelhantes a cabelo de ouro fino ou a finos cabelos de prata. (SOUSA, 2000, P. 24)⁴⁸

Segundo Sr Alfredo: Hoje eu acho que quem devia trabalhar com ourivesaria eram as mulheres, porque mulher é delicada. Porque naquele tempo elas não agüentariam:

Naquele tempo não agüentava, porque a peça é quente e o dedo de vocês são finos. Se um martelo pegar num dedinho desses daqui, arranca um pedaço. (risos). É o seguinte, porque hoje tá tudo diferente, certo. Hoje não acha mais nem azeite pra fazer canteia. era tudo no maçarico. Hoje nós não acha mais. Adaptação é tudo de hoje. Hoje você usa o maçarico né. E mais pra frente vai chegando vai da uma tremedera, o mesmo caso que o mestre Juvenal. (Alfredo Batista Borges – Ex- ourives entrevista em 09/08/2007)

Ele vê hoje muita facilidade no trabalho naquele tempo segundo o Sr Alfredo:

Eu vejo hoje com uma facilidade, se ele tivesse naquele tempo (...)ele fura aquelas peixinhas como ele furava tudo no dedo assim ó. Esfregando. Se tivesse uma máquina pra furar hoje. Era um trabalho bem feito que ele fazia.(...) se você esfregar uma ponta de ferro numa outra de ouro até fura, moça. Hoje tem a broquinha, você faz *chiiip*, num instantinho ta pronto, moça. (...) Por isso, que tem hora, que eu não quero mais não. Mas imagino, derrete o ouro né, você ir na beira da [se?] lá, que só

⁴⁸Sousa, Ana Cristina. Metamorfose do ouro e da prata – a ourivesaria tradicional do nordeste de Portugal. Porto: Centro regional de artes tradicionais, 2000.

tem um pau que faz o cadilho. O copinho que recebe o ouro. Que guenta. Só dá em grotá, em grotá em beira de serra. Resistente. Aquele pau, você queima a casca dele, vira assim uma cinza né. A hora que soca, mistura com pedra, barro de (...), tudo proporcional. Tanto, tanto, tanto direitinho, né. Pra quando secar tudo, você faz tudo no dedo, proporcional assim. Mete o dedo. Faz o copinho desse tamanho. Aquilo seca, e depois de bem seco, é que (...) Ai você bota no fogo, assa e fica branquinho. É a única coisa que guentava derreter o ouro. A única coisa que guentava derreter, apurar o ouro, era ele, o [cadinho???]. Já hoje tem tudo diferente. Tudo é. Não sei nem falar o nome de hoje, mais. Pois é minha filha. Mas isso ai tem tanta história na vida, meu irmão. Muito bom. (Alfredo Batista Borges – Ex- ourives entrevista em 09/08/2007)

O primeiro momento é o da decisão de qual peça se vai fazer, do desenho, do traço que esta jóia terá. ...

O processo de fabrico consiste na separação do ouro e dele retiram-se as impurezas, pois o ouro para se fazer a filigrana tem de ser muito puro. É através da fundição que a arte dos metais se envolve de toda uma aura mágica: a uma dada temperatura os metais isolados ou associados liquiificam-se para um novo solidificar, renascendo com novas formas. Tecnicamente a filigrana consiste na arte de torcer dois fios de ouro ou prata. Para a feitura do fio os artesãos vertem o metal fundido sobre uma rilheira de fio, através da qual obtêm uma peça arredondada. Desta peça ainda espessa e atendendo à ductibilidade do ouro e da prata, os ourives conseguem fios muito finos que se transformam em filigrana.



Processo de trabalho – Ourivesaria mestre Juvenal – Foto Raphael Mendes

As ligas usadas no tempo de mestre Juvenal eram:

Só a prata e o cobre só. Pra cada cinco gramas de ouro, uma grama de cobre e a metade de prata. Para dar liga, flexibilidade. Porque o ouro derretendo fica igual (?) você dobra assim e fica. Se você não botar o cobre não tem flexibilidade. Quando você apurava, cinco gramas, dava, cinco gramas e um décimo ou o tamanho da quantidade de acréscimo que tinha. Porque, quando você quer transformar de cinco gramas para ouro dezoito, de cinco gramas você fazia dez. Ai o ouro já estava avermelhado totalmente, já não esta completo. (Alfredo Batista Borges – Ex-ourives entrevista em 09/08/2007)

Então derretiam...

Derretiam... embarrava e puxava no (?) até fazer a fieira. Na fieira você enrolava no fio redondo e cortava aquilo tudo pra bater até fazer lantejoulas. Igual as lantejoulas direitinho.(...) Têm correntes, mas tudo envolvido em chapas fazendo o formato, né. Uma parte menor e maior, diferente. (Alfredo Batista Borges – Ex-ourives entrevista em 09/08/2007)

Na filigrana, é necessário que o ouro seja de muito boa qualidade, mas quando não se consegue o ouro mil usa-se também o ouro 22 ou 24, que é o ouro sem purificação. Para ser usado na filigrana o ouro deve ser purificado, o que gera um aumento no volume de trabalho, e, muitas vezes, a perda de alguns gramas de ouro, pois, para a filigrana, há necessidade de que ele seja bem puro. Não pode haver cobre e ferro misturados, pois provocam rachadura na filigrana. Precisa-se, então, fervê-lo (podem ser necessárias três fervuras), banhá-lo em álcool até que se purifique, e laminá-lo, para que chegue ao ponto de fazer a filigrana.

(...) para fazer uma jóia em filigrana Tem que ser um ouro de 750 ou ouro 22, sabe. O ouro bem leve, bem maleável sabe, que ai fica um ouro que funciona, você pode dobra, deixar ele fininho, que se for ouro ruim não puxa fino, é qualidade, tem que ter qualidade, tem que ser um ouro puro mesmo. (Jesumar Batista Borges – Ourives, entrevista em 10/08/2007).

A seguir, o próximo passo é o de serrar a chapa, depois do modelo desenhado. Neste processo os ourives muitas vezes dizem que o desenho foi vazado. Obtém-se assim o esqueleto, a estrutura, ou a armação da peça.

Para puxar o fio (forma para que seja feita a filigrana), o ouro já é fundido em uma relheira (2 cm). Daí ele é despejado em uma calha maior da própria relheira, onde assumirá uma forma mais próxima da final. Depois o processo que antes era feito na bigorna e martelo e marreta, atualmente passa por estes laminadores. Vai-se puxando, puxando, e apertando devagar, até completar um quarto de volta no laminador, para não se produzir uma rebarba. O fio é puxado até chegar ao ponto desejado e vai puxando, vai puxando o fio até ele chegar onde se quer.



Processo de trabalho – puxar o fio – Ourivesaria mestre Juvenal – Foto Raphael Mendes

Primeiro a gente derrete o ouro, puxa na fieira de fiozinhos finos, de 0 á 25, de 100 a 0 á 25, ai quando você puxa o fio, você traça ele fininho, da grossura de um fio de cabelo você traça ele, ai você vai fazer o trabalho, ai já é parte de criação sua, os fiozinhos estando traçados ai você vai fazer o que você quer. O modelo do coração ai coloca os fiozinhos dentro. A mesma coisa, faz o modelo da pulseira escrava e coloca os fiozinhos dentro em cada peça grande que fica dentro da pulseira escrava (...) o processo de você colocar a filigrana cada um tem o seu processo sabe, mas em geral a filigrana você coloca torcendo, torce ela e vai, coloca na parte que você quer colocar e vai contornando sabe, vai contornando, é um sistema muito de paciência, acabou de contornar encheu aquela parte que você quer encher, você cortou e passa pra outro passo, pra outra parte. Tem também a flor de maracujá, o brinco flor de maracujá também que é muito tradicional e também o bico de bule, o tampa de bule que é muito antigo e o brinco de peixe.) Da filigrana.. O ouro tem que ser de qualidade ai você faz o desenho que você quer fazer e coloca filigrana dentro do desenho, ai solda. E o

brinco de peixe também, agora o peixe não é da filigrana não, o peixe é na chapa (Jesumar Batista Borges – Ourives, entrevista em 10/08/2007)

Ai quando num é filigrana já é processo mesmo tradicional, é um processo comum. É só derreter o ouro, por exemplo em chapa, em fio mas num é traçado, ai é a diferença, da filigrana tem que ser um fiozinho bem traçado. É como mesmo de trabalhar, tiver mesmo um boa vista, se num tiver uma boa vista tem que ter, usar lupa. Se você vê soldar, nossa, muito pequeno viu, muito detalhado. (Jesumar Batista Borges – Ourives, entrevista em 10/08/2007)

Depois ele vai passar pelas fieiras, pelas bilhas e vai puxando, vai puxando, refazendo quando tem que refazer. A medida dos fios é conseguida a partir de dois medidores, que são o parquímetro e o micrômetro que permitem a precisão na medida do fio. A escolha da medida do fio depende da peça que se vai executar, por exemplo, se a medida for 0,20, quando o fio chegar nessa medida é torcido um fio para ele virar dois, quando ele chegar a 0,40, torna-se a achatá-lo para deixar na forma da filigrana até chegar a 0,16 e aí pode ser usado.

Do fio virão as formas, e existem várias formas, como por exemplo, o rococó com o qual se faz os brincos da pedra rendada, a armação com o qual se vai fazer os brincos flor de maracujá, flor do cerrado, coração nativo, coração de filigrana, coração português, e outros mais. Já para fazer outras peças como a peixinha usa-se um processo de chapa, você tem também que ter um ouro de boa qualidade, mas pode ser um ouro 750, ouro 18 quilates e usa-se um molde.



Processo de trabalho – medir o fio -Ourivesaria mestre Juvenal – Foto Raphael Mendes

O maior inimigo do ouro é o chumbo. A articulação do peixe é cabeça, meio, meio, meio e rabo. Deve-se deixar um espaço entre a cabeça e a segunda parte do corpo para dar um joguinho no corpo. Enfim, o trabalho é basicamente artístico e artesanal.

Da peça obtida na rilheira aos novelos de fio, há as seguintes etapas: da rilheira para o cilindro de fio, do cilindro para o banco de estirar, passando pelas fieiras que trabalham o fio para que ele possa atingir a espessura desejada. Disposto em mesadas, o fio é depois sujeito à tarefa mais delicada: a de torcer dois fios, operação realizada normalmente pelo ourives que entrança o fio e tradicionalmente por um aprendiz que o segura para que ele não se parta. Processo ainda bem rudimentar, mas que possibilita a criação de verdadeiras obras-primas. Obtido o torçal (assim se designa o fio em Portugal e também no Brasil), este vai para o cilindro de chapa, onde é batido, tornando-se achatado e não mais redondo.



Processo de trabalho – o fio - Ourivesaria mestre Juvenal – Foto Raphael Mendes

Em geral, o fio depois de preparado é enrolado na apanhadeira ou na mão, dependendo do tamanho. As meadas são recozidas e depois branqueadas. A partir daí, o fio se transforma em múltiplas formas, dependendo da habilidade e da arte do ourives. Este processo se dá a partir da armação que é realizada, muitas vezes a partir de um fio chato

mais forte e resistente do que o da filigrana, seguindo os contornos dos desenhos propostos. Na verdade, a armação seria como o esqueleto ou a estrutura interna e externa da peça preparada para receber os adornos, os arabescos da filigrana. Passa-se, então, a tecer, a fazer e desfazer a teia de fios de ouro e prata, confeccionados em geral no mesmo ritmo que tem suas vidas.

Em Natividade, diferentemente de Gondomar⁴⁹ o trabalho é todo feito no interior das oficinas e cabe ao ourives a tarefa de encher e decorar as jóias com os delicados fios trançados. Nas oficinas nativitanas, até há bem pouco tempo as mulheres⁵⁰ não tinham espaço⁵¹, pois a ourivesaria era uma arte exclusiva dos homens. Finalmente, depois de enchidas, as peças são soldadas, moldadas ou montadas. O ourives coloca a peça sobre uma superfície, em geral a piúca ou sobre a tábua de amianto, polvilha-as com solda e água e pelo reverso através do maçarico projeta fogo para que as pecinhas se soldem. Este é um momento quase mágico e exige muita atenção por parte do ourives, pois a solda pode romper a peça, colocando todo seu trabalho a perder. Enfim, recozer, montar as estruturas, moldar as partes, branquear são algumas das múltiplas facetas que se seguem até a obtenção da jóia reluzente. Estas são, na verdade, técnicas e processos milenares que nos chegam à luz da raiz dos tempos, que conheceram lentas modificações no decurso da história, e tiveram uma modernização nas ferramentas, mas permanecem, e se repetem em pequenas oficinas na cidade de Natividade.

O trabalho em Natividade se realiza basicamente em duas oficinas que dispõem de espaços pequenos e sem a devida adequação para o exercício de ofício tão delicado. As mesas são desordenadas, evidenciando intenso trabalho e o uso diversificado de equipamentos e materiais, representando a característica peculiar de cada artesão. Principalmente em razão da falta de espaço, a presença de visitantes e clientes interfere no processo de trabalho, pois dificulta a concentração por parte dos ourives.

O mercado se apresenta restrito e com certa sazonalidade, tendo um aquecimento no período de julho em razão das férias, e também durante as festividades locais, o que

⁴⁹ Lá o trabalho de encher é entregue às enchedeiras, mulheres que intercalam o trabalho da casa com o da filigrana em busca de uma renda extra.

⁵⁰ Hoje na oficina e Wal e Bisa existem duas mulheres aprendizes.

⁵¹ Às mulheres cabia tecer os fios das linhas em seus bordados, principalmente de ponto cruz.

leva a produção a apresentar certa irregularidade. Os mestres Wal e Jesumar apontam que as ferramentas utilizadas no processo de trabalho em geral são caras e importadas, vindo muitas vezes da Inglaterra ou França. São muito distintas das utilizadas antigamente, que eram bastante rústicas e exigiam grande esforço físico por parte dos ourives. Entre elas podemos apontar o Cadinho, onde se coloca o ouro puro, o maçarico, o gás de oxigênio usado para derreter o ouro, o laminador elétrico, o laminador manual, a fieira, que é uma peça redonda com buraquinhos que vão de 0,150 até 0,25. Além disso, no processo de purificação do ouro e limpeza das peças usa-se também o ácido amoníaco, a politriz, a escova de pano, a escova de cabelo, água com amônia e sabão.

4.6 Ourivesaria ferramentas e utensílios

A ourivesaria é atividade ou ofício de cunho artesanal, exige técnicas e é composta por todo um processo complexo que foi descrito acima.

É sem dúvida, através dos instrumentos de trabalho que se gera a linguagem dos artífices com a matéria. Os instrumentos unidos à tecnologia se unem para permitir que a sensibilidade do artífice se revele. Ao longo do tempo, os instrumentos e ferramentas pouco se alteraram, mas mesmo sendo iguais acabam por ser únicos. “(...) verdade é que o utensílio só existe realmente no gesto que o torna tecnicamente eficaz”⁵².

. Segundo os ourives as ferramentas necessárias ao processo são:

⁵² LEROI-GOURHAN, André . **O Gesto e a palavra**. 1- Técnica e linguagem. Lisboa: Edições 70, s/d, p. 118-119.



Foto Raphael Mendes

Alicates- Utilizado para cortar, fazer dobra, fazer argola, para segurar, para firmar, puxar fios. Temos: alicates do bico chato, alicate do bico largo, alicate do bico redondo, alicate meia cana. Todos são fundamentais, como a pinças também para pegar soldas, empurrar solda.



Foto Raphael Mendes

Arco de serra - instrumento cortante, com lâmina dentada de aço.



Foto Raphael Mendes

Cadinho - Pequeno recipiente de barro refratário utilizado para derreter o ouro, a prata, para que sejam fundidos. Ele suporta altíssimas temperaturas quando vai à forja e pode ser de diversos tamanhos e formas.



Foto Raphael Mendes

Cabo de chicote - Ferramenta que possui diversas utilidades tais como: enrolar fios, lixar, polir, perfurar pequenas peças.



Foto Raphael Mendes

Compasso - Ferramenta para medir o tamanho dos fios para se fazer uma peça, ou mesmo para estabelecer medida.



Foto Raphael Mendes

Escovas – usadas para varrer pó de ouro, para juntar os fragmentos e também para limpar as peças no final do processo.



Foto Raphael Mendes

Fieiras - Pequenas barras de ferro ou de aço, de tamanhos diversos, com pequenos orifícios graduados dispostos em ordem decrescente. Elas também podem ser redondinhas e servem para puxar os fios.



Foto Raphael Mendes

Forja - Serve para derreter o metal e extrair as impurezas dele

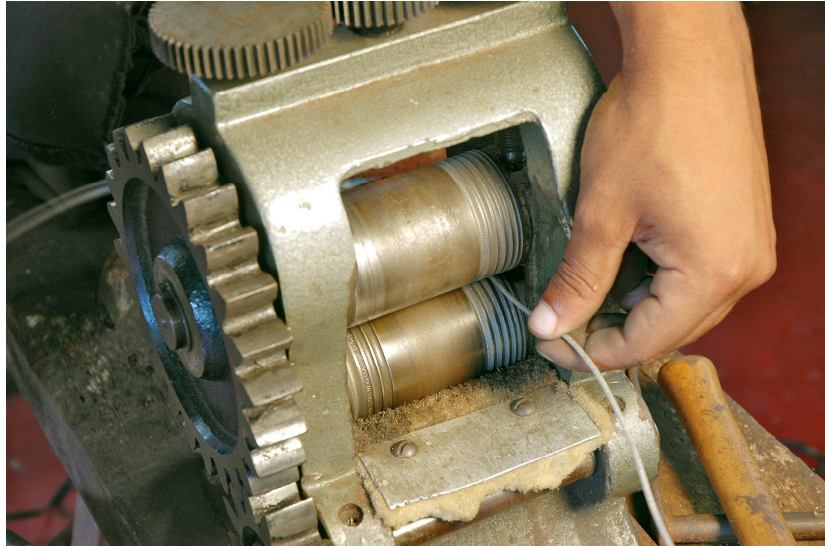


Foto Raphael Mendes

Laminador - Ferramenta composta de dois cilindros ou rolos sobrepostos que ao puxar os fios de ouro ou prata os deixam na espessura desejada. O laminador apresenta sulcos na forma quadrada ou de meia cana, com larguras variadas ordenadas em decrescente e destinam-se a produzir fio.



Foto Raphael Mendes

Martelos - Tem martelos de vários tamanhos e formatos, martelos de madeiras (para fazer as bolinhas), de borracha (diversos usos), de chifre (geralmente usados para desempenar alianças e anéis, para não amassar). Dependendo da necessidade você bate com o martelo de ferro, dependendo você bate com o martelo de chifre, dependendo você bate com outro martelo de borracha, tem peça que não pode amassar.



Foto Raphael Mendes

Micrômetro – Usada para medir a espessura dos fios, mede-se o fio por micra. Ou também pode-se dividir a medida por milímetros.



Foto Raphael Mendes

Morsas- Existem vários tipos de morsas - morsa de mão, morsa de mesa. Em geral são usadas para sustentar o fio, uma peça dura para laminar, para firmar a peça.



Foto Raphael Mendes

Paquímetro – usado para medir a largura. Por exemplo, a largura de uma aliança, a largura de um bracelete. O paquímetro é dividido em milímetros.



Foto Raphael Mendes

Pau de medida – aneleira - Servem para desentortar e medir anéis e alianças. O **Tribulet** – este mais comprido e escuro serve para desempenar aliança, algum anel, para colocar na medida, moldar a caixinha de anel. – dar a forma, oval, quadrado, triangular, quadrado com quina, Quadrado sem quina - porém todos tem a função de

desentortar, medir. Diz o aprendiz: *você dá a volta com alicate então vai, leva no tribulet para dá uma forma bem arredondada.*



Foto Raphael Mendes

Pinças- Existem basicamente dois tipos de pinças que servem para segurar uma peça, que vai ao fogo e a outra que é usada para soldar as peças. A Pinça da ponta mais grossa que é para segurar elos e a pinça fina para pegar solda.



Foto Raphael Mendes

Rilheira -Peça de ferro usada como molde que recebe o ouro enquanto está em forma líquida é onde se funde a chapa.



Foto Raphael Mendes

Tesoura - Cortar fios, cortar soldas e cortar chapas. Algumas delas são também usadas para cortar o fio que vai encher a peça.



Foto Raphael Mendes

A mesa do ourives – A mesa ou bancada do ourives forma um mobiliário complexo, composto por um conjunto de elementos fundamentais para o trabalho do artífice, é onde também se expressa sua identidade. As mesas em geral possuem a mesma estrutura, mas cada mesa é única, é onde o artesão executa seu trabalho, guarda suas ferramentas e seus objetos pessoais que lhes possibilita dar o seu toque pessoal a peça realizada.

Referencial Bibliográfico

ADUCCI, Edésia. **Maria e seus gloriosos Títulos**. Juiz de Fora: Ed. Lar Católico, 1960.

ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas do Brasil**. São Paulo, Martins, 1966.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ALVES, Francisco das Neves. **Quinhentos anos do processo colonizatório: continuidades e rupturas**. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG, 2000.

ALTWATER, Donald. **Dicionário de Santos**. São Paulo: Art Editora, 1991.

AMARAL, Rita de Cássia. **Povo de Santo, Povo de festa**. Dissertação de Mestrado, Depto. de Antropologia, FFLCH-USP. SP, mimeo, 1992.

_____. Povo de Santo, Povo de festa in: Magnani, J.G.C. e Torres, L.L.(orgs). **Na metrópole**. SP, Edusp, 1997.

APOLINARIO, Juciene Ricarte. **Escravidão Negra no Tocantins Colonial**. Vivências escravistas em Arraias (1739-1800). 2. Ed. Goiânia: Kelps, 2007.

ANTONIL, André João, **Cultura e Opulência no Brasil**. São Paulo: Editora Melhoramentos/INL, 1976.

ARAÚJO, Emannel (org.). *A mão afro-brasileira*. Brasília, Tenenge/ Ministério da Cultura, 1988.

_____. “O negro e as artes no Brasil” in: Schwarcz, L. e Queiroz, R.(orgs.) **Raça e Diversidade**. SP, Edusp, 1995.

_____. **O teatro dos vícios** – transgressão e transigência na sociedade urbana colonial do Brasil. RJ, José Olympio, 1993.

ARINOS, Afonso. **Lendas e Tradições Brasileiras**. Rio de Janeiro: F Briguiet Ed., 1937.

ARAÚJO, Alceu Maynard, “Cavalhadas”, In: ____ **Folclore nacional**: danças, recreação, música. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

ARAÚJO, Simone Camêlo. **Conhecendo Natividade-TO.**, mimeo.

ARTIAGA, Zoroastro. **Geografia econômica histórica e descritiva do estado de Goiás**. 1º e 2º tomo. Tip. Triângulo, 1951.

_____. **Geografia, Economia, História Descritiva do Estado de Goiás**. Uberaba: Tip. Triângulo.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs). **Na estrada do Anhangüera**. Uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, 1999

BRAGA, Ana. **Nossa Senhora da Natividade, padroeira do Estado do Tocantins**. Goiânia: Cartográfica, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Festa do Santo de Preto**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo** : símbolo popular em Goiás, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Ed. UFG, 2004.

BRAUDEL, Fernand. Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII. Tradução de Telma Costa, volume 3- O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. “Informação sobre a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França”. In: **Cinco livros do povo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1953.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984

CASSIANO, Ricardo. **Marcha para o oeste**. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **Tocantins o movimento separatista do norte de Goiás 1821-1988**. Goiânia: UCG, 1999;

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Trad. de E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUL, Nasr Fayad, (organizador). **Goiás: 1722 - 2002**. Goiânia: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2002;

CHAVES, Luiz. **As filigranas**. Lisboa: SPN, [19--?].

CHUVA, Márcia R. Romeiro. **Estudo para o tombamento de Natividade**. DCT/SPHAN, 1985.

COELHO, Gustavo Neiva, Milena d'Ayala Valva. **Goiás: uma reflexão sobre a formação do espaço urbano**. Goiânia: UCG, 1996.

_____. **Arquitetura da mineração em Goiás**. Goiânia: UCG, 1995. (cadernos didáticos; 4)

COPPOS, Odette. **Congadas** (Folclore). Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1971.

CORALINA, Cora. **Alfinim**: Tradição de mais de quatro séculos. Boletim 2. Comissão

Goiana de Folclore. Goiana, 2 (2): 11-14, dez 1980.

CORREIA, Salatiel Pedrosa Soares. A construção de Goiás : ensaio de desenvolvimento político e regional. Ed. da UCG, 2006.

DAMANTE, Hélio. **Folclore Brasileiro**. São Paulo, Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

DEL PRIORE, Mary. **Festa e utopia no Brasil colonial**. SP, Brasiliense, 1994.

DUARTE, Teresinha. **Arautos da Paz e Bem**. Os Franciscanos em Portugal (1214-1336). Departamento de História CAC/UFG. Catálogo da Unicamp.

DEUS, Maria Socorro de, Mônica Martins da Silva. **História das Festas e Religiosidades em Goiás**. Goiânia: Agepel/UEG, 2002. (História de Goiás 4).

DO BRASIL, Antonio Americano do. **Pela história de Goiás**. (Introdução, seleção e notas de Humberto Crispim Borges) Goiânia: Ed. da UFG, 1980. (Col. Documentos Goianos. Vol.06)

ERMAKOFF, George: O negro na fotografia brasileira do século XIX. Rio de Janeiro: George Ermakoff Casa Editorial, 2004.

EWBANK, Thomas. **Vida no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985.

ESPIG, Márcia Janete. "De Roncesvales ao contestado: resignificações da memória carolíngia na Península Ibérica e no Brasil", **Estudos Ibero-Americanos** (PUCRS), Vol. XXV nº 1, 1999.

ESTEVAM, Luís. **O tempo da transformação**: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. Goiânia: Ed. do Autor, 1998. (três exemplares)

FERRETTI. **Repensando o sincretismo**. São Paulo/São Luís: EDUSP/FAPEMA, 1995.

GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 11, n.23, p. 15-36, jan-jun 2005.

HOLANDA, S. Buarque. Apud. SANTOS, P. Formação de cidades no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001

IPHAN. **Conjunto urbanístico, arquitetônico e paisagístico- cidade de Natividade.** Tombamento Federal. Ministério da Cultura, 1987, p. 7 *et passim*.

JANCSÓ, Istvan e KANTOR, Íris. **Festa:** Cultura e sociedade na América Portuguesa. (org.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

FILHO, Mello Moraes. **Festas e Tradições populares do Brasil.** Belo Horizonte: Ed USP, 1979.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. **Goiás :** história e cultura. Descubra, 2004.

GARCIA, João. **O Caminho do ouro :** uma nova bandeira pela trilha do Anhangüera, 2004

GARCIA, Marcolina Martins; Breda, Judite Ivanir. **Divisão regional para o estudo e defesa do folclore de Goiás.** Goiana: Universidade Federal de Goiás. Museu Antropológico, 1972.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GOMES, J. Pinharanda. “Cultos Portugueses do Divino Espírito Santo (Contributo Bibliográfico). Separata da **Revista Theologica.** Braga. s/data.

HAUSER, Arnold. **História Social da Arte e da Cultura.** Lisboa: Jornal do Fôro, 1954.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras.** 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, s/d.

IKEDA, Alberto T. **Introdução ao estudo do congado.** Belo Horizonte: Universidade Católica de Minas Gerais, 1974.

KARNALL, Leandro, **Teatro da fé:** representação religiosa no Brasil e no México do século XVI. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998

LAMAS, Dulce, “Persistência temática de Carlos Magno no folclore brasileiro”, **Revista Goiana de Artes** (Goiânia), Vol. 10 nº 1, 1989.

LACERDA, Regina. **Cantigas e Cantares**. *Músicas folclóricas e modinhas goianas*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1985.

LACERDA, Regina. **Traços da cultura portuguesa em Goiás**. Ver. Bras. de Folclore, Rio de Janeiro, 8 (22): 269-274, set/dez 1968.

LACERDA, Regina. **Estórias e lendas de Goiás e Mato Grosso**. São Paulo: Ed. Edigraf, s/d.

LEAL, Oscar. **Viagem às Terras Goyanas** (Brazil Central). Goiânia: Ed. da UFG, 1980. (Coleção Documentos Goianos, 4)

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra**. 1. Técnicas e linguagem. Lisboa: Edições 70. s/d.

LUCHIARI, M.T.D.P. A (Re) significação da paisagem no período contemporâneo. IN: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Z. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ.

LIMA, Guimarães. *Goyaz, terra & alma*. Horizonte Ed, 1983

LIMA, Rossini Tavares de. **Folgedos populares do Brasil**. São Paulo, Ricordi, 1962.

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **Bairro do patrimônio**: Salgadores e Moçambiqueiros. Uberlândia, Secretaria de Cultura, 1986.

MACEDO, José Rivair. **Mouros e cristãos**: a ritualização da conquista no velho e no novo mundo. Catálogo da Unicamp.

MACHADO, Laís Aparecida. *Cuidando do patrimônio cultural : a grande Vila Boa*. Ed. UCG, 2005.

MARTIUS, Karl Friedrich Von, **Viagem pelo Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

MATTOS, Raimundo J. da C. **Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Províncias de Minas Gerais e Goiaz**. Vol I e II. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1836.

MEGALE, Nilza Botello. **O livro de Ouro dos Santos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MEGALE, Nilza Botello. **Invocações da Virgem Maria no Brasil**. 6ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MEYER, Marilyse. “Tem mouro na costa ou Carlos Magno ‘reis’ do congo”, *In: ____ Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo; EDUSP, 1993.

MEYER, Marlyse & MONTES, Maria Lúcia. **Redescobrimo o Brasil**: A festa na política. SP, T.A. Queiroz, 1986.

MOSER, Gerald. “Elementos medievais na literatura popular do Brasil”. In: **Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa**. *Boletim de Filologia* (Lisboa), Tomo XXVIII, 1983.

MOURA, Maria da Glória. **Ritmo e ancestralidade na força dos tambores negros**: o currículo invisível da festa. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação - USP. SP, mimeo, 1997.

NATAL E SILVA, Colemar. **História de Goyaz**. Vol. I e II. Rio de Janeiro: Estabelecimento Gráfico Mundo Médico Borsoi & C., 1935.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de Oliveira. **História Cultural de Goiânia**. Goiânia: Agepel/ UEG, 2002. (História de Goiás 3).

OLIVEIRA, Miguel de. **História eclesiástica de Portugal**. Lisboa: União Gráfica, 1958.

OURIQUE, Ana Zenaide Gomes & JACHEMET, Célia Silva. **Cavallhadas**: uma tradição de raiz milenar. Porto Alegre: Edições EST, 1997.

PALACIN, Luiz. **Subversão e Corrupção**: um estudo da Administração Pombalina em Goiás. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1983. (Dois volumes)

_____. **Goiás 1722-1822**. Goiânia: Editora Oriente.

_____. e MORAES, Mª Augusta Sant’Anna. **História de Goiás**. 6ª ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1994;

_____. e BORGES, Ana Maria. **Patrimônio Histórico de Goiás**. 1ª edição. Goiânia: Governo do Estado de Goiás / Secretaria de Cultura e Desporto / J. Câmara S/A / Gráfica O Popular, s/d.

PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e universo cultural na colônia**. Minas Gerais, 1716-1789. Editora UFMG, 2001

PINTO CORREIA, João David, **Os romances carolíngios da tradição oral portuguesa**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992.

POHL, J. E. **Viagem no interior do Brasil**. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1976

RABAÇAL, Alfredo João. **As Congadas no Brasil**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

RAMOS, Arthur - **O folclore negro do Brasil**. Rio de Janeiro, Livr/Ed. da Casa do Estudante do Brasil, 1935.

RAMOS, Duílio. **História da civilização brasileira**. São Paulo: Ed. Saraiva, 1965.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no século XIX**. SP: Cia. das Letras, 1993.

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. O Baile dos Congos. In **Estudos e Ensaios Folclóricos em Homenagem a Renato Almeida**. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores – Seção de Publicações, 1960

RIBEIRO, Paulo Rodrigues (organizadores). **Goiás: identidade, paisagem e tradição**. Goiânia: Ed. UCG, 2001;

_____. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**. Goiânia: Ed. UFG, 1988.(col. Documentos Goianos, 17);

RICARDO, Cassiano. **Marcha para o Oeste**. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio.

RIZZO, José Ângelo. **Goiás: de Saint-Hilaire e de hoje**. Goiânia: Ed. da UFG, 1996.

ROCHA, Leandro Mendes (organizador). **Atlas Histórico: Goiás Pré-Colonial e Colonial**. Goiânia: Ed. CECAB, 2001;

RODRIGUES, Ruy. Exercícios de admiração : reflexões sobre pessoas, poder, cultura e cidades. Ed. UFG, 2003.

SANTOS, Edivaldo Antônio dos. **Os dominicanos em Goiás e Tocantins 1881 – 1930: fundação e consolidação da missão dominicana no Brasil**. Goiânia: 1996. Dissertação. (mestrado em História). IHCL, UFG.

SAINT-HILAIRE, Auguste de (et alli). **As fabulosas águas quentes de Caldas Novas**: antologia organizada pelo editor T. Oriente, até a 3ª edição, nova edição revista e aumentada pelo Jornalista Carlos Gomes de Carvalho, capa de Marcos Veiga. Goiânia: Editora Oriente: 1975.

_____. **Viagem à província de Goiás.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: ed. da USP, 1975.

_____. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco pela Província de Goyaz.** São Paulo: Nacional.

SILVA, Colemar Natal e. **História de Goyaz.** Rio de Janeiro: Borsoi S. C.

SILVA, Mônica Martins da. **A Festa do Divino:** romantização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia: 2001;

SANTOS, Cláudia Borges dos. **Jóias de Natividade:** Confluências e conflitos. Monografia de conclusão de curso apresentado no curso de Comunicação Social, Campus Universitário de Palmas, Universidade Federal do Tocantins, Palmas – To, 2006.

SANTOS, Paulo. **Formação de cidades no Brasil colonial.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

SILVA, Alberto Costa. **A enxada e a lança.** A África antes dos portugueses. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.

SILVA, K.V., VASCONCELOS, M. M., SAMPAIO, J. da C. Relações sócio-culturais barrocas nas irmandades de cor nas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII. In: Dossiê **Cultura e sociedade na América portuguesa colonial**, v. 5, n.12, out/nov. 2004. Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme>

SOUSA, Ana Cristina. **Metamorfose do ouro e da prata** – a ourivesaria tradicional do nordeste de Portugal. Porto: Centro regional de artes tradicionais, 2000.

SOUZA, Luiz Antônio da Silva e. **Descobrimento da Capitania de Goyaz (Governo, população e coisas mais notáveis) 30 de setembro de 1812.** Goiânia: UFG, 1967.

_____. **O descobrimento da Capitania de Goyaz.** Goiânia: Pub. UFG.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista:** história da festa de Coroação de Rei Gongo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TEIXEIRA, Maximiano da Matta. **Outras histórias de Goiás.** Goiânia: Unigraf, 1983.

TEIXEIRA, Jose. **Folklore goiano:** concioneiro, lendas, superstições. [São Paulo: Nacional, 1941.](#)

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial.** São Paulo: Editora 34, 2000.

UNESCO. **Culturas Africanas**. Documentos da Reunião de Peritos sobre “As sobrevivências das Tradições Religiosas Africanas nas Caraíbas e na América Latina”. São Luís, 24-29 de junho de 1985. Paris, s. ed., 1986. Com edição em francês, inglês e português.

VAUCHEZ, A. **A Espiritualidade da Idade Média Ocidental Séc VIII-XIII**. Trad. Teresa Antunes Cardoso. Lisboa. Editorial Estampa. 1995.

VIANA, Mário Gonçalves, “As cavalhadas em Portugal e no Brasil: ensaio de história comparada” In: **Boletim Cultural** (Junta Distrital de Lisboa), nº 75-78, 1971-1972.

VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea**: Vidas de Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VASCONCELOS, Jorge Luiz Ribeiro de. Passos da fé e da folia : etnografia musical de uma congada mineira / Jorge Luiz Ribeiro de Vasconcelos. Campinas, SP: [s.n.], 2003.

WECKMANN, Luis. **La herencia medieval del Brasil**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

.

Fontes

Arquivo Histórico Ultramarino (Portugal) Catálogo de verbetes dos documentos manuscritos avulsos da Capitania de Goiás existentes no Arquivo Histórico Ultramarino. Ministério da Cultura ; Sociedade Goiana de Cultura : IPEH-BC, 2001.

Memória e região. Secretaria de Desenvolvimento do Centro-Oeste ; UFMS, 2002.

Relatório de análise Documental do 1º cartório cível de Natividade; Estagiários: Ângela Maria Campos , Conceição Aparecida Cunha Cerqueira, Valéria Moreira Coelho Melo , Wátila Mislá Fernandes Bonfim

Folheto produzido pela Oficina Educacional de Jóias Artesanais Mestre Juvenal,

Plano Diretor de Natividade.

<http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/2801>

<http://www.receita.fazenda.gov.br/Memoria/administracao/reparticoes/colonia/casadefundacao>

http://pt.wikipedia.org/wiki/caminho_da_Bahia

Anexo 1 – Ourives Nativitanos



Jesumar - Raphael Mendes 2007



João Bosco - Raphael Mendes 2007



Bisa - Raphael Mendes 2007



Val - Raphael Mendes 2007



Aprendiz da oficina do Jesumar - Raphael Mendes 2007



Aprendiz da oficina de Val e Bisa - Raphael Mendes 2007



Mestre Antonio Nunes – Ourives Natividade - Foto cedida por Simone Camelo Araújo



Mestre Leopoldo Hermano – Ourives Natividade - Foto cedida por Simone Camelo Araújo



Mestre Juvenal Rodrigues Cerqueira – Ourives Natividade Foto cedida por Simone Camelo Araújo